

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**A VARIAÇÃO DO PARTICÍPIO PASSADO NA
COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO:
CONJUGANDO PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO**

Débora Souza de Deus

Rio de Janeiro 2023

VARIAÇÃO DO PARTICÍPIO PASSADO NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO: CONJUGANDO PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO

Débora Souza de Deus

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós- Graduação em
Linguística da Universidade Federal
do Rio de Janeiro como quesito para a
obtenção do Título de Mestre em
Linguística.

Orientadora: Prof. Doutor Marcelo
Alexandre Silva Lopes de Melo

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2023

CIP - Catalogação na Publicação

D486v Deus, Débora Souza de
A Variação do Participio Passado na Comunidade de Fala do Rio de Janeiro: Conjugando Produção e Avaliação / Débora Souza de Deus. -- Rio de Janeiro, 2023.
80 f.

Orientador: Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2023.

1. Participio passado. 2. Variação sociolinguística. 3. Modelos de exemplares. 4. Avaliação social. I. Melo, Marcelo Alexandre Silva Lopes de , orient. II. Título.

VARIAÇÃO DO PARTICÍPIO PASSADO NA
COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO:
CONJUGANDO PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO

Débora Souza de Deus

Orientador: Professor Doutor Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

Presidente, Prof. Doutor Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo - (UFRJ- Linguística)

Profa. Doutora Karen Sampaio Braga Alonso - (UFRJ- Linguística)

Profa. Doutora Danielle Kely Gomes - (UFRJ- Letras Vernáculas)

Prof. Doutor Diego Leite de Oliveira - (UFRJ- Linguística), suplente

Profa. Doutora Eliete Figueira Batista da Silveira - (UFRJ- Letras Vernáculas), suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2023

RESUMO

Este trabalho versa sobre variação de formas no particípio passado, observando uma possível ampliação da rede de conexões das formas participiais formadas pela consoante velar [g] por meio da captura de formas inovadoras como *trago* e *chego*. A pesquisa realizada tem por base estudos da Teoria Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]), a qual concebe a língua como um sistema heterogêneo capaz de abarcar as diferentes formas linguísticas utilizadas pelos falantes de um determinado grupo e também utiliza os Modelos de Exemplares (Bybee, 1995, 2010; Silva; Gomes, 2020), o qual postula que todas as palavras são armazenadas no léxico do falante e os padrões morfológicos emergem a partir de uma rede organizada de relações lexicais. Estudos sobre o PB (Barbosa, 1993; Lobato 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) mostraram que as formas inovadoras de particípio passado – tais como *trago* e *chego* – estão sendo produzidas pelos falantes e que há uma certa preferência pela forma irregular. Para atingir os objetivos, o trabalho contou com dois experimentos: um de produção e outro de avaliação. Os participantes foram estudantes universitários do curso de Letras da UFRJ. Os dados do experimento de produção permitiram atestar o uso das formas inovadoras de particípio passado, as quais parecem ser capturadas por redes mais robustas formadas por outras formas de particípio que possuem a consoante velar sonora [g]. Assim, face à robustez da rede de itens de formas de particípio passado como *pago* e *pego*, outros itens são atraídos para essa rede em razão de sua semelhança fonética e semântica com os itens dessa rede mais robusta. Soma-se a isso o fato de as formas inovadoras de particípio passado já serem formas existentes da língua. O experimento de avaliação foi aplicado como forma de observarmos como a experiência de ouvir e falar pode influenciar o falante, pois a avaliação positiva ou negativa sobre as formas inovadoras pode acelerar ou retardar sua propagação. Como tarefa do experimento, os participantes deveriam associar formas regulares e irregulares de particípio passado a três perfis profissionais que espelham avaliações sociais distintas em termos de prestígio social. Dessa forma, os resultados do experimento de avaliação permitiram observar que as formas inovadoras de particípio – sobretudo das formas *chego* e *trago* – não foram, de uma forma geral, avaliadas negativamente pelos participantes do experimento, uma vez que houve ou uma maior associação dessas formas ao perfil intermediário ou uma distribuição bem equilibrada entre os perfis. Conjugando os experimentos de produção e avaliação, é possível que a emergência das novas formas de particípio se deva a um processo de analogia por meio do qual formas já existentes na língua (*chego* e *trago*) sejam capturadas por redes mais robustas de formas de particípio (*pego* e *pago*), tendo em vista a similaridade fonética e semântica. Além disso, uma avaliação mais positiva dessas formas inovadoras pode ser um fator de propagação dessas formas pela comunidade de fala.

Palavras-chave: variação linguística; particípio passado; modelo de exemplares; avaliação social.

ABSTRACT

This work deals with variation in forms in the past participle, observing a possible expansion of the network of connections of participial forms formed by the velar consonant [g] through the capture of innovative forms such as (I bring) and (I arrive). The research carried out is based on studies of Variationist Sociolinguistic Theory (Weinreich, Labov and Herzog, 2006 [1968]), which conceives language as a heterogeneous system capable of encompassing the different linguistic forms used by speakers of a given group and also uses the Exemplar Models (Bybee, 1995, 2010; Silva; Gomes, 2020), which postulates that all words are stored in the speaker's lexicon and morphological patterns emerge from an organized network of lexical relationships. Studies on BP (Barbosa, 1993; Lobato 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) have shown that innovative forms of past participles – such as *trago* (I bring) and *chego* (I arrive) – are being produced by speakers and that there is a certain preference for the irregular form. To achieve the objectives, the work included two experiments: one for production and the other for evaluation. The participants were university students studying Literature at UFRJ. Data from the production experiment made it possible to attest to the use of innovative past participle forms, which seem to be captured by more robust networks formed by other participle forms that have the voiced velar consonant [g]. Thus, given the robustness of the network of items of past participle forms such as *pago* (I payed) and *pego* (I caught), other items are attracted to this network due to their phonetic and semantic similarity with the items in this more robust network. Added to this is the fact that the innovative forms of past participles are already existing forms of the language. The evaluation experiment was applied as a way of observing how the experience of listening and speaking can influence the speaker, as the positive or negative evaluation of innovative forms can accelerate or delay their propagation. As a task in the experiment, participants had to associate regular and irregular forms of the past participle with three professional profiles that mirror different social evaluations in terms of social prestige. Thus, the results of the evaluation experiment made it possible to observe that the innovative forms of participle – especially the forms *chego* (I arrive) and *trago* (I bring) – were not, in general, negatively evaluated by the participants in the experiment, since there was a greater association of these forms to the intermediate profile or a well-balanced distribution between the profiles. Combining the production and evaluation experiments, it is possible that the emergence of new participle forms is due to a process of analogy through which forms already existing in the language (I arrive) and (I bring) are captured by more robust networks of participle forms (caught and paid), taking into account the phonetic and semantic similarity. Furthermore, a more positive evaluation of these innovative forms may be a factor in the propagation of these forms throughout the speech community.

Keywords: linguistic variation; past participle; model specimens; social assessment.

*Dedico esta dissertação aos meus
filhos Vinícius, Alberto e Marcella,
pois tudo que faço é por eles.*

AGRADECIMENTOS

Sou, como muitos neste país, oriunda de uma família pobre, na qual os meus pais estudaram apenas até a antiga 4ª série. Aos 15 anos, ainda no antigo 2º grau, tive o infortúnio de ficar grávida e entrar para a fatídica estatística de mães adolescentes. Ouvi muitas frases desanimadoras como “sua vida acabou”, “você não fará mais nada da sua vida”, porém não me deixei abater. Ainda estava no primeiro ano do Segundo Grau e acreditava que a educação poderia mudar a minha vida, por isso, não desisti de finalizar o ensino básico e com muita dificuldade, mas com a ajuda da minha família, cheguei ao fim do desse ciclo. Assim agradeço aos meus pais que, apesar de toda dificuldade, ofereceram-me o melhor que podiam.

Contudo, sentia que ainda faltava um pouco mais, já que ninguém da minha família havia cursado uma faculdade. Dessa forma, decidi iniciar minha nova caminhada, porém, dessa vez, já casada e mãe de duas crianças. Novamente ouvi palavras desanimadoras, todavia iniciei minha jornada acadêmica em 2004 no curso de Letras/Francês da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Na época, não havia cartão universitário de passagem, nem mesmo bandeirão para auxílio do universitário. Foi muito difícil estudar no bairro do Maracanã, sendo moradora da Baixada Fluminense. Finalizei a graduação em 2011, devido a todas as dificuldades enfrentadas por uma estudante pobre deste país.

Como disse anteriormente, acreditava que a educação mudaria a minha vida e por isso comecei a estudar para concursos públicos e, com a graça de Deus, fui abençoada com uma vaga. Durante 6 anos fiquei afastada da área da educação, mas por sorte ou destino consegui retornar para a sala de aula. Senti-me impelida a voltar a estudar, realizei uma especialização em Língua Portuguesa e conheci um grande professor - Dany Gonçalves - que, na época, era doutorando em Linguística na UFRJ e se tornou um grande amigo. Dessa forma, agradeço também a ele, pois me mostrou o quanto eu era capaz.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Marcelo Melo, uma pessoa maravilhosa que abraçou o meu sonho, sem mesmo me conhecer. Um professor exemplar que não mede esforços para auxiliar seus alunos. Não teria finalizado esta pesquisa sem o seu apoio. Obrigada, por me permitir ser a pesquisadora que hoje sou.

Agradeço a todos que participaram direta e indiretamente deste trabalho.

E finalmente agradeço a mim mesma, que por inúmeras vezes pensei em desistir, mas me mantive firme em meu propósito. Fui forte o bastante para acreditar que todo o esforço realizado não seria em vão. Todos as horas empenhadas em leituras e longe dos meus filhos.

Todas as viagens exaustivas de transporte público e a falta de dinheiro. Todas as noites mal dormidas. Todas as incertezas de um jovem estudante brasileiro. Tudo valeu a pena!

INDICE DE QUADROS

Quadro 1: Resumo das conclusões sobre produtividade 47

Quadro 2: Verbos do Experimento de Produção 56

INDICE DE TABELAS

Tabela 1: Resultados para verbos que apresentam variação	59
Tabela 2: Resposta ao experimento de avaliação: distribuição por forma de particípio.....	64
Tabela 3: Resposta ao experimento de avaliação: distribuição geral sem oclusiva velar.....	65
Tabela 4: Resposta ao experimento de avaliação: distribuição geral com oclusiva velar	69

INDICE DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de nuvem de Exemplos da palavra mesmo	30
Figura 2: Diagrama de verbos no particípio regular	31
Figura 3: Diagrama de verbos no particípio irregular	62

INDICE DE IMAGENS

Imagem 1: Instagram Língua Portuguesa (@linguaportuguesa).....	40
Imagem 2: Instagram Cíntia Chagas (@cintiachagass).....	40
Imagem 3: Instagram Cíntia Chagas (@cintiachagass).....	41
Imagem 4: Instagram Edson Diniz (@jottaconcursos).....	41
Imagem 5: Instagram Grace Agra (@prof.graceagra).....	43
Imagem 6: Instagram Flávia Rita (@professoraflavierita).....	44
Imagem 7: Slide verbo trazer do experimento de produção.....	53
Imagem 8: Slide do experimento de produção – sentença distratora.....	53

INDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado experimento de avaliação: verbo ACEITAR.....	66
Gráfico 2: Resultado experimento de avaliação: verbo INCLUIR.....	66
Gráfico 3: Resultado experimento de avaliação: verbo GANHAR.....	67
Gráfico 4: Resultado experimento de avaliação: verbo IMPRIMIR	67
Gráfico 5: Resultado experimento de avaliação: verbo SALVAR.....	68
Gráfico 6: Resultado experimento de avaliação: verbo GASTAR.....	69
Gráfico 7: Resultado experimento de avaliação: verbo AFAGAR	70
Gráfico 8: Resultado experimento de avaliação: verbo PAGAR	71
Gráfico 9: Resultado experimento de avaliação: verbo CHEGAR	71
Gráfico 10: Resultado experimento de avaliação: verbo PEGAR.....	72
Gráfico 11: Resultado experimento de avaliação: verbo TRAZER	72
Gráfico 12: Resultado experimento de avaliação: verbo PREGAR	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. VARIACÃO E MUDANÇA.....	19
1.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	19
1.2 AVALIAÇÃO DA VARIACÃO SOCIOLINGUÍSTICA.....	24
1.3 MODELOS DE EXEMPLARES.....	28
1.4 REPRESENTAÇÃO E PROCESSAMENTO DO LÉXICO: MODELO EM REDES.....	32
SÍNTESE.....	35
2. O PARTICÍPIO PASSADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	36
2.1 O PARTICÍPIO PASSADO NA VISÃO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL.....	37
2.1.1 O PARTICÍPIO PASSADO E A VISÃO DA NORMA “CURTA” DA INTERNET.....	39
2.1.2 VERBOS PEGAR E PAGAR.....	42
2.2 ESTUDOS LINGUÍSTICOS.....	44
SÍNTESE.....	49
3. METODOLOGIA.....	51
3.1 PARTICIPANTES.....	51
3.2 EXPERIMENTO DE PRODUÇÃO.....	52
3.3 EXPERIMENTO DE AVALIAÇÃO.....	54
4. ANÁLISE DE DADOS.....	58
4.1 EXPERIMENTO DE PRODUÇÃO.....	58
4.2 EXPERIMENTO DE AVALIAÇÃO.....	62
SÍNTESE.....	73
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

Alguns verbos na Língua Portuguesa apresentam a possibilidade de duas formas no particípio: uma regular (+do) e outra irregular (-do) como, por exemplo, o verbo *pegar* que possui as formas *pegado* e *pego* e o verbo *pagar* que apresenta as formas *pagado* e *pago*, respectivamente. O uso das duas formas é prescrito pela gramática normativa, que tenta balizar esse embate, entretanto, essas regras não têm dado conta do uso real da língua. Dessa forma, essa abundância tem sido estudada por alguns autores como, Barbosa (1993), Lobato (1999), Silva (2008) e Miara (2013) que observaram, por diferentes perspectivas, o uso e desuso de alguns verbos abundantes, a preferência dos falantes pelas formas irregulares e até traços formais que poderiam explicar a formação desses verbos, no entanto, ainda há aspectos que precisam ser aprofundados, como a inovação e centralização de algumas formas participiais, enquanto outras não seguem o mesmo caminho. A tradição gramatical prescreve as formas “existentes” e as regras para o uso dessas formas, que nem sempre são utilizadas pelos falantes, gerando desconforto no uso da língua vernácula. Inúmeras redes sociais divulgam essas regras, contudo, a dúvida persiste, pois o privilégio da abundância dos verbos no particípio gera a possibilidade de variação.

A presente dissertação teve como objetivo observar um possível processo de mudança das formas participiais dos verbos - trazer e chegar - a partir da emergência e consolidação de novos padrões irregulares (*chego* e *trago*), com base em um modelo de gramática que tem não só a variabilidade como central ao conhecimento linguístico, mas também confere status representacional à variação. A pesquisa conjugou os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e dos Modelos de Exemplares com o objetivo de observar uma possível ampliação da rede de conexões dos verbos no particípio formados pela consoante oclusiva velar como *pego* e *pago*, mas sem descartar a experiência do ouvir e falar que pode interferir no conhecimento linguístico do falante.

À vista disso, foram realizados dois experimentos: um de produção e outro de avaliação, que foram aplicados em grupo social formado por universitários de 1º e 2º períodos do curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Esses experimentos foram elaborados, pois os dados necessários para esta pesquisa, formas verbais no particípio de verbos específicos, não são encontrados facilmente em bancos de dados sociolinguísticos. O experimento de produção contou com 12 verbos, a saber: *amar, trazer, chegar, comprar, beber, pegar, comer, pagar, incluir, fazer, cair e descobrir*. Esses verbos foram divididos em quatro grupos diferentes de forma a separar os (i) verbos abundantes, (ii) verbos produzidos

exclusivamente com a forma regular, (iii) verbos cujo particípio é produzido majoritariamente na forma irregular e (iiii) verbos que apresentam formas irregulares inovadoras de particípio e aplicado por meio do programa *Power point*. O experimento de avaliação também contou com 12 verbos, contudo, foram descartados os verbos que não apresentaram variabilidade no experimento de produção. Assim, os verbos que fizeram parte do experimento foram, *trazer, chegar, incluir, pagar, pegar, aceitar, afagar, chegar, ganhar, gastar, imprimir, pregar e salvar*. O experimento foi aplicado por meio do programa *Psychopy*, no qual os participantes deveriam escolher quem estava proferindo a sentença, uma diretora, uma inspetora ou uma faxineira. A divisão foi pensada com base na avaliação social realizada de acordo com o grupo ao qual a pessoa pertence, pois, de acordo com Votre (2010) as formas prestigiadas são atribuídas a grupos que são considerados superiores na escala socioeconômica, da mesma forma que as formas estigmatizadas são conectadas às pessoas baixo posicionamento na escala socioeconômica.

Por meio do experimento de produção, pretendia-se observar se formas inovadoras como *trago* e *chego* seriam produzidas por estudantes universitários, grupo este que, a princípio, teve acesso à escolarização e, conseqüentemente, exposição e contato com as formas prestigiadas socialmente. A produção de formas de particípio inovadoras por esses falantes poderia indicar um avanço dessas formas que, canonicamente, são consideradas formas estigmatizadas ou, pelo menos, tenderiam a ser evitadas por falantes mais escolarizados. Por meio do experimento de avaliação, buscou-se observar se uma avaliação positiva – ou não tão negativa – de formas inovadoras de particípio poderia ser compartilhada por falantes mais escolarizados. Uma avaliação mais positiva poderia indicar uma propagação mais rápida da adoção dessas formas inovadoras. Por fim, conjugando os resultados de ambos os experimentos, o objetivo era oferecer uma hipótese capaz de explicar como formas inovadoras de particípio emergem – sobretudo novas formas irregulares, as quais escapam de processo de regularização – bem como explicar como essas formas podem ganhar robustez e se propagar mais rapidamente na comunidade de fala.

Assim, esta dissertação está organizada em seis capítulos. No primeiro e segundo capítulos, são abordados os pressupostos teóricos que embasaram a presente pesquisa, a saber: a Sociolinguística Variacionista, no que diz respeito à definição do conhecimento linguístico estruturado a partir de uma heterogeneidade ordenada, bem como da relação entre língua e sociedade (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]), além dos pressupostos dos Modelos de Exemplares, no que diz respeito à relação entre conhecimento abstraído e uso, à

organização do conhecimento linguístico do falante e status da variação na gramática (Bybee, 2001, 2010; Pierrehumbert, 2003, 2016; Cristófaró e Gomes, 2017, 2020). No terceiro capítulo, o objeto em análise desta pesquisa, o particípio passado do PB, é descrito de uma forma mais pormenorizada, trazendo a visão da gramática tradicional, dos conceitos que circulam na internet e a resenha de alguns trabalhos dentro da visão Sociolinguística, e também de outras perspectivas linguísticas. No quarto capítulo, são apresentados com mais profundidade a metodologia de coleta e análise dos dados. Especificamente, são apresentadas as informações sobre as variáveis em análise, além da descrição da montagem do experimento de produção e de avaliação. O quinto capítulo apresenta a análise dos resultados obtidos através do experimento de produção e de avaliação, além das considerações finais.

1. VARIAÇÃO E MUDANÇA

O presente capítulo aborda questões relativas à variação e mudança linguística. Na primeira parte, serão apresentados os pressupostos lançados pela proposta variacionista para os estudos linguísticos, uma vez que esta pesquisa parte da hipótese de que o conhecimento linguístico contém heterogeneidade estruturada, bem como da relação entre língua e sociedade, postulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968]). Em seguida, serão apresentados alguns trabalhos e debates acerca da avaliação da variação sociolinguística, tendo em vista que, nesta pesquisa, também serão analisados dados obtidos a partir de um experimento de avaliação, situando o conhecimento linguístico dos falantes como resultado das experiências de produzir e ouvir.

1.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista tem como objetivo o estudo da variação e da mudança linguística, concebendo a língua como um sistema heterogêneo capaz de abarcar as diferentes formas linguísticas utilizadas pelos falantes de um determinado grupo. De acordo com Mollica (2003, p. 9), “a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. Nessa perspectiva, a língua é concebida como um sistema que possui uma estrutura heterogênea, o que permite ao falante lidar com os múltiplos usos que circulam em sua comunidade de fala.

Essa concepção de língua que relaciona aspectos linguísticos e sociais tem como marco a pesquisa de William Labov na Ilha de Martha’s Vineyard, na década de 1960, apesar de o interesse no estudo da relação entre língua e sociedade não ter nascido nesse momento. O linguista Antoine Meillet (1866-1936) observou na linguagem mais que a sua estrutura, escrevendo numerosos textos sobre o caráter social da língua. Meillet definiu a língua como um fato social e sua variabilidade como resultado da mudança social: “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, apud CALVET, 2002, p. 16). Assim, na perspectiva de Meillet, toda e qualquer variação linguística é motivada por fatores sociais. No entanto, essa concepção de língua que relaciona aspectos linguísticos e sociais não ganhou sistematicidade suficiente e perdeu espaço para uma tradição que se consolidou no início do século XX, no Estruturalismo.

Apesar de considerar a língua como um fato social, Ferdinand Saussure, considerado o

fundador da linguística moderna, ateve-se somente à estrutura da língua, ancorando sua teoria em dicotomias que servem como base para o isolamento do objeto dos estudos linguísticos. Duas dessas dicotomias ajudaram a consolidar a visão de que a língua é uma estrutura abstrata dissociada de seus usos. A primeira dicotomia é *langue* e *parole* que pode ser traduzida, respectivamente, como língua e fala. Para Saussure, apenas a *langue* - língua - , uma estrutura abstrata e homogênea que contém todos os princípios que regem o funcionamento do sistema e que fica depositada na mente do falante, é passível de estudo. A *parole*, por sua vez, seria um ato individual de cada falante. Por ser a *langue* uma estrutura homogênea, caberia ao linguista observar o funcionamento da *langue*, já que, por ser heterogênea e assistemática, a *parole* não poderia ser analisada.

Outra dicotomia saussuriana importante para a consolidação de uma concepção de língua que atravessou grande parte do século XX é aquela que divide o tempo em estático e contínuo: sincronia e diacronia. De acordo com o postulado saussuriano, o tempo se torna um fator que cria dificuldades à Linguística, uma vez que produz efeitos particulares a depender do recorte realizado no tempo. Isto posto, podemos dizer que, na sincronia, se exclui a intervenção do tempo como se fosse retirada uma foto de um determinado momento - seja do presente ou do passado - que é observada pelo linguista sem levar em conta a intervenção do tempo. Já na diacronia, o estudo deve levar em conta as diferentes mudanças que o tempo realiza de forma dinâmica. Em outras palavras, a sincronia se refere a um determinado recorte temporal, ao passo que a diacronia pressupõe a análise de um intervalo de tempo. Diante dessas duas formas de estudar a linguagem, Saussure decidiu que, para a ciência Linguística, apenas a sincronia deveria ser levada em consideração, ou seja, os fatos da linguagem deveriam ser estudados do ponto de vista sincrônico. Saussure acreditava que, para entender o estado da língua, devemos ignorar o passado e, conseqüentemente, qualquer estudo diacrônico. Para ele, a linguagem só pode ser descrita e as normas para seu uso estabelecidas colocando-a em um determinado estado.

Essa tradição de se considerar a língua como uma estrutura abstrata e homogênea apartada de seus usos tem continuidade com o advento da Teoria Gerativa. No final da década de 1950, Noam Chomsky consolida uma visão formal sobre a língua, concebendo-a como um sistema de princípios universais e que é gerada a partir da faculdade da linguagem. Essa faculdade corresponderia a um módulo linguístico na mente do falante, que é inato ao ser humano. A partir desse dispositivo que é natural a todas as pessoas, o falante, por meio de sua competência linguística, isto é, a capacidade que todo sujeito tem para aprender uma língua, distingue o que é gramatical ou agramatical na língua. Já o uso que o falante faz deste

conhecimento, segundo Chomsky, não seria inato, mas individual. Dessa maneira, na dicotomia, competência e desempenho, estabelecida por Chomsky na Teoria Gerativa, apenas a competência deve ser analisada pelo linguista. Assim, a experiência (uso) teria somente a função de disparar um conhecimento prévio do falante (a linguagem).

É em oposição a essa tradição de se considerar a língua como uma estrutura homogênea, segundo a qual a língua existe apenas em um nível abstrato na mente dos falantes, que Weinreich, Labov & Herzog (2006, [1968]) traçam sua teoria, consolidando uma nova tradição nos estudos linguísticos. Essa nova perspectiva, diferentemente da tradição consolidada pelo Estruturalismo e Gerativismo, passa a conceber a língua como um sistema dotado de heterogeneidade, em uma relação íntima com a sociedade que consegue lidar com as diferentes manifestações de uso. Entender, por sua vez, a língua como um sistema heterogêneo implica dizer que a variação é inerente a esse sistema. Para a Teoria da Variação e Mudança, proposta por Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]), a variação não é livre ou aleatória, mas sim condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos. Assim, por ser sistemática e condicionada, é possível - e necessário - o estudo da variação. Weinreich, Labov & Herzog (doravante WLH) rompem com as dicotomias basilares do Estruturalismo e do Gerativismo, reconciliando língua e fala, bem como diacronia e sincronia. Essa reconciliação permite observar o caráter histórico e social da língua associado ao sistema linguístico.

Entender a língua como uma estrutura heterogênea e sistematicamente ordenada exige a análise de dados empíricos, já que não se reconhece a cisão entre conhecimento linguístico e uso. Segundo WLH, na análise de dados empíricos, cinco problemas devem ser respondidos pelo linguista para explicar a variação ou mudança no sistema linguístico. A primeira questão está relacionada à restrição de fatores condicionantes da variável dependente que será estudada. Como a variabilidade do sistema não é aleatória, esses fatores condicionantes (externos e internos) devem ser levantados pelo pesquisador, de forma a revelar os fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso ou não da forma inovadora. Os fatores sociais, como idade, sexo, escolaridade são exemplos de fatores externos que podem se correlacionar com fatores linguísticos de natureza morfológica, sintática ou semântica, revelando como esses fatores internos e externos atuam no sistema linguístico.

O encaixamento, segundo problema a ser resolvido, deve determinar o grau de correlação que existe entre os condicionantes externos e internos. É possível observar o encaixamento da mudança linguística no momento em que há a correlação entre os fatores internos e externos, possibilitando, assim, a verificação não só da motivação social de uma mudança, mas também determinado o grau de correlação que existe entre a estrutura linguística

e sociedade. Por consequência, o encaixamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos revelam a natureza heterogênea, porém ordenada da língua que apresenta ao mesmo tempo estrutura e variabilidade.

Outro fator que pode influenciar na propagação ou não da mudança e que precisa ser observada pelo(a) pesquisador(a) é a atitude social diante das possíveis variantes em concorrência. Assim, a avaliação social pode interferir na implementação ou não de uma mudança e na velocidade com que a mudança se propaga a depender do prestígio ou estigma vinculado à variante linguística em questão. Nesse momento, o nível de consciência do falante torna-se um atributo importante na mudança linguística, pois sua apreciação positiva ou negativa, consciente ou inconsciente, sobre as variantes de uma variável linguística pode retardar ou acelerar o processo de mudança linguística de uma comunidade. A questão da avaliação será mais pormenorizadamente estudada neste trabalho, já que, como poderá ser visto, entende-se que as novas formas de participação podem ser associados valores positivos - ou de prestígio - por indivíduos da comunidade de fala.

E por fim, temos o problema da implementação que questiona o porquê a mudança ocorre em alguns lugares e contextos, porém em outros não. A resposta a essa questão está vinculada aos fatores linguísticos e sociais que encaixados explicam a forma como a mudança vai se implementando nos diferentes contextos linguísticos e sociais. Talvez, as respostas a esse problema somente possam ser oferecidas de maneira mais contundente nos estágios finais de um processo de mudança ou quando a mudança já tiver sido concluída.

Contudo, como examinar as questões apresentadas? A Sociolinguística lança mão de duas estratégias a fim de obter os dados variáveis para análise de maneira sistematizada e, assim, atacar esses cinco problemas: tempo real e tempo aparente. O primeiro observa a mudança pelo comportamento linguístico ao longo de diferentes períodos de tempo, isto é, faz uma análise diacrônica das variantes. Esse tipo de estudo, de acordo com Labov (1994), deve ser realizado em uma mesma comunidade, em um intervalo de tempo não pré-determinado pelo autor, repetindo-se a mesma metodologia. Caso sejam observados falantes distintos em períodos diferentes, será realizado um estudo de tempo real do tipo tendência. Contudo, se forem entrevistados os mesmos informantes da primeira pesquisa, teremos um estudo de tempo real do tipo painel. O outro estudo, tempo aparente, observa a mudança pelo comportamento linguístico de diferentes gerações em uma mesma sincronia, ou seja, no mesmo espaço de tempo, tendo como base a hipótese da estabilização da gramática do falante em um determinado momento (5 a 15 anos, aproximadamente). Assim, comportamentos distintos entre as gerações - observadas por meio de faixas etárias - em uma mesma sincronia podem

apontar para processos de mudança em curso, sobretudo se esses diferentes comportamentos forem observados nas faixas etárias extremas (mais jovens e mais velhos).

Para um melhor entendimento da análise da mudança linguística no tempo, tomemos como exemplo as Amostras Censo 1980 e 2000, do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Essa amostra de fala iniciou sua formação com 64 falantes, contactados aleatoriamente em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro, homens e mulheres, estratificados segundo as variáveis idade (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 e acima de 50 anos); escolaridade (1º e 2º ciclos do ensino fundamental e ensino médio). A metodologia empregada tinha como objetivo permitir o estudo, com base em evidências do tempo aparente, de diferentes fenômenos variáveis e possíveis processos de mudanças no português carioca. A primeira amostra foi obtida entre os anos 1980 a 1982 e, entre os anos de 1999 e 2000, alguns indivíduos que integravam essa amostra foram recontactados e foi coletada, com aqueles que aceitaram, uma nova entrevista, realizada com a mesma metodologia da primeira. Esse recontacto possibilitou estudos em tempo real do tipo painel. A Amostra Censo 2000 também permitiu realizar estudos de tempo real tendência, pois foram obtidas entrevistas com novos falantes, comparando-se, então, o comportamento da comunidade de fala em relação aos mesmos fenômenos no início dos anos 1980 e no final dos anos 1990. À vista disso, foi possível observar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação.

Segundo Paiva e Duarte (2003, p. 18), a combinação dos dois tipos de mudança em tempo real pode fornecer quatro cenários: a comunidade e o indivíduo mudam; a comunidade muda, mas o indivíduo não muda; a comunidade se mantém estável, mas o indivíduo muda; os dois se mantêm estáveis (não mudam). Contudo, somente a conjugação entre os dois tipos de estudo - painel e tendência - não permite compreender a intercomplementaridade entre mudança no indivíduo e na comunidade e o grau de inserção existente entre ela. É necessário associar as evidências do tempo aparente que podem indicar uma mudança em progresso através do aumento de uma variante na fala dos mais jovens e uma diminuição dessa mesma variante na fala dos mais velhos. Dessa forma, tanto a observação em tempo aparente como a observação em tempo real possuem o mesmo propósito: auxiliar na observação de como a mudança linguística passa de um estágio a outro sem interferir na comunicação entre os falantes de uma comunidade de fala.

Em resumo, WLH (2006 [1968], p. 125) argumentam que “a associação entre estrutura linguística e homogeneidade é uma ilusão”, o que levou os autores a postularem que uma teoria para explicar a mudança linguística deveria pressupor que o sistema linguístico é inerentemente

variável, isto porque toda mudança linguística pressupõe um período de variação. Por entender que a mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala" (WLH, op. cit.), a Teoria da Variação e Mudança - ou Sociolinguística Variacionista - utiliza dados empíricos relacionando variáveis externas à língua, como sexo/gênero, idade, etnia, escolaridade, profissão e classe social com variáveis internas que podem ser de natureza morfológica, sintática, semântica ou lexicais, de forma a observar a heterogeneidade ordenada existente na língua e sua vinculação ao desempenho linguístico do indivíduo.

1.2 AVALIAÇÃO DA VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

De acordo com Oushiro (2015) e Melo (2017), há uma predominância dos estudos de produção nas pesquisas variacionistas, embora seja observado um aumento considerável tanto dos estudos sobre percepção e avaliação das formas linguísticas. Esse aumento, argumentam Melo e Silva (2022), nasceu da necessidade de se buscar correlatos cognitivos da variação linguística, com o objetivo de melhor compreender a organização do conhecimento linguístico e os mecanismos pelos quais a mudança linguística se implementa. Labov (2008, p. 176) propõe a técnica *matched-guise* de Lambert *et. al.* (1960) como instrumento básico para estudos de reações subjetivas, pois de acordo com o autor, determinadas formas não emergem se os falantes forem indagados diretamente sobre elas, pois suas reações podem não expressar realmente suas opiniões pessoais.

Lambert *e al.* (1960) utilizaram a técnica de *matched-guise*, pois buscavam compreender como os francófonos e anglófonos canadenses percebiam-se uns aos outros e a si mesmos. Assim, falantes bilíngues foram gravados lendo uma passagem de texto em prosa, em francês e em inglês padrão. Os pesquisadores gravaram o mesmo locutor lendo duas passagens de um texto filosófico, com o objetivo de suavizar características prosódicas e paralinguísticas (como qualidade de voz, tom e velocidade da fala). Dessa forma, há dois estímulos produzidos pelo mesmo falante – um em inglês e outro em francês. O principal interesse deste estudo é que ele desenvolve um método rigoroso para acessar respostas ocultas e demonstra o papel da linguagem na formação de impressões pessoais.

É certo que, além de significados referenciais/representacionais, as formas da língua veiculam também significados sociais. Os estudos seminais de Labov, na década de 1960, já traziam a preocupação de se relacionar a reação subjetiva dos falantes a determinadas variantes de diferentes variáveis, a fim de mostrar como essa relação impactava o processo contínuo da mudança. Ao longo das últimas décadas, ficou claro, por meio de inúmeros estudos, que

existe uma recorrente associação entre as variantes produzidas e o julgamento dos falantes que delas fazem uso (LAMBERT, 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2010; LABOV, 2006, 2008, 2011; OUSHIRO, 2015). Votre (2010, p.51) argumenta que “[a]s formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico”. Com isso, as formas utilizadas por pessoas desprovidas de prestígio econômico e social são taxadas como estigmatizadas, sendo consideradas formas inferiores passíveis de reprovação. Da mesma maneira, outras formas ganham prestígio e destaque nos manuais escolares e nas comunidades de fala quando utilizadas por grupos que despontam social e economicamente. Há uma relação entre a variante linguística e o grupo social que a utiliza.

A associação entre as variantes de uma variável e a avaliação dos falantes, por sua vez, é comumente mapeada pelo estilo ou, ainda, dos diferentes comportamentos dos falantes a depender da situação de interação em que se encontram. É possível definir três abordagens para o estudo da variação estilística nas pesquisas sociolinguísticas: (1) estilo como grau de atenção prestado à fala; (2) estilo centrado na audiência (*audience design*); (3) estilo como construção agentiva de identidade (*speaker design*). A primeira abordagem traz a visão laboviana de como tratar o estilo nos estudos sociolinguísticos. De acordo com Labov, é a formalidade do contexto que faz com que um falante preste mais atenção à sua fala. Para o autor, a atenção prestada à fala está no centro da proposta para a análise do estilo. Quanto mais atento à fala, mais provavelmente, será detectada a fala monitorada. Em contrapartida, a fala casual é percebida em momentos em que o falante não esteja se monitorando. Com isso, a metodologia utilizada para mitigar o grau de formalidade das entrevistas, torna-se fundamental. Alguns exemplos de estratégias utilizadas por Labov para obter uma fala cuidada foram: leitura de textos, de listas de palavras e de pares mínimos. Já para a obtenção de uma fala mais casual, momento no qual o falante precisa estar menos atento a sua fala, Labov apresenta situações contextuais em que o falante possa estar menos atento à sua própria fala: (1) fala com uma terceira pessoa além do entrevistador; (2) fala não relacionada às questões estabelecidas na entrevista; (3) questões voltadas para hábitos da infância; (4) questões relacionadas a “perigo de vida”.

Já a segunda abordagem apresenta uma mudança de foco em relação aos trabalhos de Labov, voltando a atenção para o destinatário. Alan Bell (1984) realizou estudos nessa vertente, colocando a audiência como o centro da produção estilística. O autor traz a proposta de *audience design*. Nessa perspectiva, o falante, ao modelar a sua fala, leva em conta o ouvinte, isto é, a sua “audiência”, que é constituída não só do destinatário, a segunda pessoa, mas de outras terceiras pessoas. Essas ideias contribuíram para um novo caminho nos estudos do estilo

na Sociolinguística - estilo como construção agentiva de identidade (*speaker design*) -, por autores como Eckert (2000), que tem explorado o papel da variação na construção ativa dos estilos pessoais e de grupos, percebendo as variáveis individuais como recursos que podem funcionar na construção de novas personalidades.

Desde os trabalhos de Labov, nas décadas de 1960, sobre a centralização dos ditongos da Ilha de Martha's Vineyard e sobre o (r) em Nova York, inúmeros trabalhos têm sido desenvolvidos sobre a percepção/avaliação das formas linguísticas. Mais recentemente, Labov *et al* (2011) realizaram um estudo intitulado “monitor sociolinguístico”. A proposta do experimento é mensurar o quão sensíveis os falantes são às diferenças de frequência de uso de uma mesma variante. No estudo de Labov *et al.* (2011), a variável escolhida foi a realização de -ing, em uma série de experimentos cuja metodologia previa a exposição dos ouvintes ao áudio de sequências de manchetes jornalísticas com diferentes gradações das variantes de -ing. Os ouvintes deveriam ouvir cada sequência de manchetes e avaliar o grau de profissionalismo do falante dos estímulos. Os resultados obtidos mostraram que quanto mais a forma reconhecida como menos prestigiada era ouvida, pior era a avaliação da leitura. Consequentemente, pôde-se apontar menor prestígio da variante alveolar de acordo com os ouvintes, que julgaram a suposta candidata como menos apta para o cargo de âncora. A frequência também foi avaliada no estudo, já que os resultados apontaram para uma diminuição da sensibilidade à medida que as frequências da variante alveolar aumentavam. Ou seja, a penalização foi maior para a candidata âncora que repetia mais vezes a forma de menor prestígio - variante alveolar -, levando à conclusão de que a repetição da forma de menor prestígio levava a uma maior penalização.

Estudos com dados de percepção também têm sido desenvolvidos no Brasil. Oushiro (2015), por meio da técnica de *matched guise*, observou a variável (-r) na cidade de São Paulo. Essa variável, segundo Oushiro (2015), está associada “a identidades geográficas, a graus de formalidade, de escolarização e a classes sociais, além de outras dimensões que se referem ao status dos falantes” (p. 261). A autora constatou que o uso das variantes está associado a identidades geográficas (capital vs. interior; centro vs. periferia), sendo tal associação estendida para o status relativo dos falantes na comunidade e, em menor grau, a inferências sobre o caráter dos indivíduos. Assim, a variante retroflexa é julgada mais negativamente em traços que se referem ao status dos falantes (classe social, nível de escolaridade, formalidade, centralidade do bairro, articulação e sofisticação), e mais positivamente em características associadas às dimensões de solidariedade e dinamismo (trabalho, simplicidade, sinceridade, solidariedade). Melo (2017, 2022) também utilizou a técnica *matched guise* como forma de

observar a avaliação das variantes da coda (r) interna e coda (s) em seu trabalho a respeito da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Essas variantes, de acordo com autor, possuem “assunções com base nas características dos falantes que mais fazem uso da variante aspirada ou posterior, isto é, de falantes menos escolarizados e pertencentes a camadas mais populares” (2017, p.52), contudo, ainda segundo o autor, não havia qualquer teste de avaliação das variantes que comprove a existência de um estigma relacionado à variante glotal. O experimento foi aplicado a falantes pertencentes a grupos sociais distintos da comunidade de fala: um grupo de jovens excluídos socialmente, bem como três outros grupos de indivíduos de diferentes setores de classe média com diferentes graus de inserção social. Os resultados obtidos pelo autor apontaram para uma avaliação negativa tanto da variante glotal para a coda (s), como da ausência do segmento para a coda (r).

Labov *et. al* (2011) argumentam que há duas hipóteses sobre a forma como avaliação social pode ser capturada: (a) por meio de um monitor sociolinguístico; (b) por meio da representação em exemplares. A proposta do “monitor sociolinguístico” é mensurar o quão sensíveis os falantes juízes são às diferenças de frequência de uso de uma mesma variante. No estudo de Labov et al(2011), a variável escolhida foi a realização de *-ing* (/in/ ou /iN/), em uma série de experimentos cujo desenho previa a exposição dos ouvintes juízes a sequências de manchetes jornalísticas com diferentes gradações das variantes de *-ing* (100% /in/, 70% de /in/ e 30% de /iN/, 50% /in/ e 50% de /iN/, 30% de /in/ e 70% de /iN/ e 100% de /iN/). Já a segunda possibilidade versa sobre a capacidade de fazer inferências estatísticas a partir das representações detalhadas, as quais contêm informações não meramente distintivas e informações indexadas socialmente. Hay, Warren e Drager (2006) realizaram um experimento no qual os participantes deveriam indicar qual item lexical ouviram a partir de suas formas escritas apresentadas na tela. O experimento foi organizado em 10 pares mínimos com itens das duas listas, como, por exemplo, *ear* (orelha) e *air* (ar) ou *beer* (cerveja) e *bear* (urso). Os participantes foram divididos em grupos, sendo todos expostos a estímulos auditivos idênticos. No entanto, a apresentação visual era diferente. O estudo mostrou o efeito de características específicas dos participantes, do item lexical, do contexto e das características percebidas dos falantes dos estímulos no reconhecimento de palavras.

Nesta seção, apresentamos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança postulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968]) e apresentamos estudos que observaram a avaliação da variação com diferentes metodologias, como a técnica de falsos pares de Lambert (1960), o modelo inovador de Hay, Warren e Drager (2006) e o monitor sociolinguístico de Labov (2011). Na próxima seção, os conceitos que norteiam a teoria dos

Modelos de Exemplos, sua visão de representação e processamento do conhecimento linguístico serão apresentados. Também veremos a importância da memória enriquecida e da frequência para os estudos dos Modelos de Exemplos, considerando que este trabalho ancora-se na análise da associação entre itens lexicais por meio de uma rede de conexões que se dá a partir de semelhanças fonéticas e semânticas.

1.3 MODELOS DE EXEMPLOS

No decorrer da história linguística, os avanços teóricos permitiram descobertas que contribuíram para a incorporação da variação ao conhecimento linguístico do falante. Como exemplo disso, temos a Sociolinguística que supera as dicotomias de Saussure e Chomsky, nas quais, respectivamente, *langue* e *parole*, competência e desempenho encontravam-se desassociadas. A variação estava associada ao uso (fala) e, nesse contexto, era entendida como um fato externo à língua não passível de observação, em razão de seu alegado caráter assistemático. Contudo, o desenvolvimento das pesquisas Sociolinguísticas de WLH revelou, conforme visto no capítulo anterior, o caráter sistemático da variação e abriu a possibilidade de se compreender o sistema linguístico como inerentemente variável. O modelo de gramática disponível à época e assumido pela Sociolinguística era um modelo formal que passava a incorporar regras variáveis para que a variação fosse acomodada. Assim, as formas variáveis passaram a ser entendidas como o resultado de um processo pelo qual se aplicava uma determinada regra variável a uma forma subjacente. Pierrehumbert (2001, p.201) sustenta que “a sociolinguística desenvolveu uma extensão dessa abordagem [formal] na qual as regras têm probabilidades em vez de serem aplicadas de forma absoluta. Esta extensão responde às descobertas de que os falantes nem sempre usam a mesma pronúncia de uma sequência de sons”. Entretanto, WLH já admitiam que o estudo da mudança poderia avançar conforme avançasse também a linguística teórica, a qual poderia trazer novos elementos para um melhor entendimento do sistema linguístico.

Assim, as décadas seguintes ao surgimento da Sociolinguística viram florescer modelos teóricos que permitiram conceber a variação não mais como o resultado de um processo, mas sim com status representacional. De acordo com Pierrehumbert (1994, 2003), em razão de sua centralidade no conhecimento linguístico do falante, a variação não deve ser concebida como o resultado de um processo, mas sim deve ser acomodada em uma teoria que incorpore gradiente e distribuições probabilísticas ao sistema linguístico, concebendo um caráter representacional à variação. Dessa maneira, cabe ressaltar que, nesta pesquisa, serão conjugados os fundamentos da Teoria da Variação e Mudança, no que diz respeito à definição

do conhecimento linguístico estruturado a partir de uma heterogeneidade ordenada, bem como da relação entre língua e sociedade (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]), além dos pressupostos dos Modelos de Exemplares, no que diz respeito à relação entre conhecimento abstraído e uso, à organização do conhecimento linguístico do falante e status da variação na gramática (Bybee, 2001, 2010; Pierrehumbert, 2003, 2016; Cristófaros e Gomes, 2017, 2020).

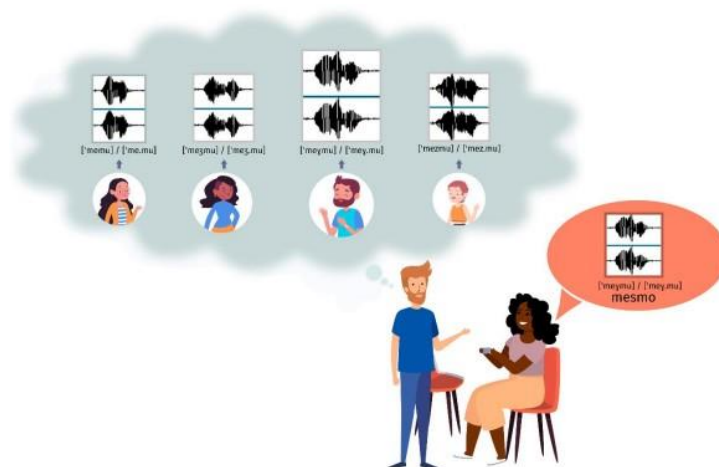
No capítulo anterior, foram apresentados os fundamentos relativos à Teoria da Variação e Mudança, cabendo, neste capítulo, apresentar os pressupostos do Modelos de Exemplares (doravante ME). A hipótese de representações em exemplares foi utilizada inicialmente em estudos sobre a memória, pela área de Psicologia, e trazida para a área linguística na Fonologia por Johnson (1997), Bybee (2001), sendo levada aos demais níveis linguísticos (Bybee, 2013). Os ME concebem a língua como um sistema dinâmico e em constante evolução, construído a partir da experiência individual de cada falante. A língua é entendida como um sistema de padrões emergentes que são formados a partir de exemplares individuais de uso dos falantes, tendo a frequência como elemento fundamental que impacta a organização e processamento do conhecimento linguístico. Para os ME as representações do conhecimento são detalhadas e o mapeamento entre as informações abstratas e empíricas se dá de maneira dinâmica e contínua.

Em um modelo que assume exemplares como representações linguísticas, a gramática que o falante possui não é segmentada entre léxico e gramática, como tradicionalmente a língua é concebida nos modelos estruturalistas e gerativistas. Nessa perspectiva, temos o conhecimento linguístico como resultado da interação entre aspectos inatos da cognição e a experiência com a língua (TOMASELLO, 2003; BYBEE, 2010). Em outras palavras, as representações abstratas não são autônomas e inatas, mas sim emergem a partir das instâncias de uso em que ocorrem. Dessa forma, conforme apontam Cristófaros Silva e Gomes (2020, p. XIX), há uma superação do dualismo *nature x nurture*, uma vez que a linguagem é um sistema cognitivo que precisa ser explicado em função de aspectos físicos, como os relativos à relação entre ressonâncias do tubo acústico e seu formato, e de capacidades específicas da espécie humana surgidas através da evolução (Pierrehumbert, Beckman e Ladd, 2000: 273-274).

Os exemplares emergem a partir da percepção de ocorrências idênticas da experiência comunicativa do falante por meio da memória enriquecida e são organizados em feixes de exemplares a partir de semelhanças fonética e/ou semânticas (Bybee, 2010). Com isso, os ME permitem uma melhor acomodação da variabilidade, pois todos os exemplares que emergem a partir das experiências sociolinguísticas do falante, em inúmeros contextos de interação social, encontram-se representados no léxico do falante. Isto porque a memória enriquecida permite a estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para

palavras e sintagmas, contexto de uso, significados e inferências associadas a enunciados (BYBEE, 2010, p. 27). As representações são, portanto, detalhadas, permitindo que seja também capturada a indexação social das formas linguísticas: idade, sexo/gênero, origem social, etnia etc. (FOULKES e DOCHERTY, 2006). A figura 1 abaixo apresenta o feixe de exemplares da palavra *mesmo* como exemplo da acomodação da variabilidade de um item.

Figura 1 – Exemplo de nuvem de Exemplares da palavra *mesmo*



Fonte: Alvarez Amaral 2022 (p. 26)

Por postularem que as representações das palavras são detalhadas, os ME, diferentemente dos modelos tradicionais (formalistas) que concebem a variação como o resultado de processos e regras que se aplicam a formas subjacentes homogêneas e invariáveis, concebem à variação status representacional. Assim, a variação é concebida como central - e não periférica - na organização do conhecimento linguístico (PIERREHUMBERT, 1994). Diferentes trabalhos trazem evidências para que a representação de um item lexical inclua todas as suas possibilidades de realização, isto é, todas as suas variantes. Connine, Ranbom e Patterson (2008) realizaram dois experimentos com palavras do inglês, as quais podem ser realizadas variavelmente com e sem a vogal postônica (schwa), como em *corporate* ~ *corp'rate* e *camera* ~ *cam'ra*, além de pseudopalavras com sequências fonotáticas típicas do inglês. A tarefa dos participantes era indicar, após ouvir determinado estímulo (palavra), se o estímulo ouvido era uma palavra da língua. Para a seleção dos estímulos, considerou-se que, há dois grupos de palavras: um grupo de palavras que ocorrem mais frequentemente sem o schwa e outro grupo de palavras que ocorrem mais frequentemente com o schwa (cf. Patterson *et al.*, 2003). Para os dois experimentos realizados, foram organizadas 3 grupos de palavras:

(1) 8 palavras realizadas mais frequentemente sem o schwa e com formação de uma sequência de consoantes possível no inglês (*factory* > *fact'ry*); (2) 8 palavras realizadas mais frequentemente sem o schwa e com formação de uma sequência de consoantes não encontradas no inglês (*family* > *fam'ly*); (3) 8 palavras realizadas mais frequentemente com o schwa e com formação de uma sequência de consoantes não encontrada no inglês quando a vogal postônica não é realizada (*calorie* > *cal'rie*). Em um experimento, os estímulos foram realizados sem o schwa e, no outro experimento, os estímulos foram realizados com o schwa. Os resultados permitiram que os autores sustentassem que todas as variantes presentes na fala integram as representações abstratas dos itens lexicais e que a frequência das variantes com que os itens lexicais são produzidos impactam na robustez das representações de cada item. Desta forma, itens realizados frequentemente sem o schwa terão sua representação central sem o schwa; por outro lado, itens realizados mais frequentemente com o schwa terão sua representação central com o schwa. Os autores argumentam que a representação de um item lexical inclui todas as possibilidades fonéticas de realização deste item, sendo a frequência das variantes com que esses itens são representados atuam no processamento.

Há formação de exemplares e feixes de exemplares em todos os níveis de complexidade, seja nos níveis fonológico, morfológico e sintático (Bybee, 2010). Na figura 2, relações morfológicas emergentes são representadas usando o exemplo de alguns verbos do português no particípio passado com o alomorfe [ado]. A similaridade do alomorfe [ado] e do significado, ou seja, o fato de que todos os verbos do diagrama registram significado de particípio, formam um feixe de exemplares que tem limitação gráfica quando representados em texto, já que a organização lexical em redes é dinâmica, pois um mesmo item lexical participa de conexões com outros itens lexicais em função de diferentes características compartilhadas (Cristófaró Silva e Gomes, 2017, p. 30).

Figura 2. Diagrama de verbos no particípio regular



Uma vantagem dessa abordagem sobre a análise morfológica é que uma palavra não precisa ser exaustivamente analisada em morfemas (Bybee, 2010, p. 49). Por exemplo, as formas verbais participiais inovadoras *chego* e *trago* em (PB) podem ter uma conexão ao sufixo [ɔ] geral do particípio irregular via sua vogal final, muito embora a parte restante da palavra, ['trag] e ['ʃeg], não sejam morfemas. Entretanto, de acordo com Bybee (2010), o problema não é se alguma unidade complexa é ou não estocada na memória. Isto é, não há relevância como as palavras são processadas - como uma palavra só ou como parte de uma rede mais complexa - , pois a representação mais forte (robusta) vai guiar o processamento. Por exemplo, no nível da palavra, duas palavras com a mesma estrutura aparente, como verbos no inglês com um prefixo semiproductivo como *re-* ou *un-*, podem ter graus diferentes de composicionalidade devido às suas relações de frequência. Dois exemplos observados por Hay (2001), segundo Bybee (2010), foram os verbos em inglês *refurbish* - redecorar - e *rekindle* - reacender. Esses dois verbos têm relações muito diferentes com *furbish* e *kindle*, respectivamente, baseado no fato de que *refurbish* é muito mais frequente que *furbish*, mas *rekindle* é menos frequente que *kindle* (Bybee, 2010, p.50). No PB, é possível citar exemplos de palavras como “salgadinho”, que é mais frequente do que “salgado”: isso faz com que a palavra derivada (salgadinho) tenha uma representação mais robusta e o processamento se dê diretamente, inclusive apontando para uma especialização (significado); em uma palavra como “caderninho”, o processamento se dá por meio da base + sufixo, pois a palavra base e o sufixo têm mais força lexical do que a palavra derivada. Assim, a frequência é tida como um parâmetro fundamental para o processamento e, conseqüentemente, para a emergência das abstrações.

Pierrehumbert (2003, 2016) assume que são necessários pelo menos dois níveis de representação para que as categorias possam emergir. Segundo a autora, as categorias emergentes são um construto mental que relaciona um nível paramétrico e um nível discreto. às abstrações que emergem das representações detalhadas e da organização em redes, como sílabas e segmentos. De acordo com Cristóvão Silva e Gomes (2017, p. 22), novos itens lexicais são processados pelo mapeamento das representações existentes através de um conjunto de escolhas estatísticas, e que também têm relação com o conhecimento sociolinguístico do falante.

1.4 REPRESENTAÇÃO E PROCESSAMENTO DO LÉXICO: MODELO EM REDES

O Modelo de Redes proposto por Bybee (1985, 1995, 2001) viabiliza as interações entre

as categorias de linguagem (fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical) e não linguísticas, demarcando o conhecimento em vários níveis organizacionais. As propriedades fundamentais do Modelo em Redes propostas por Bybee (1985, p.134) salienta que (1) as palavras são representadas no léxico a partir de diferentes “forças lexicais”, isto é, cada vez que uma palavra é acessada, sua representação lexical se torna mais forte; (2) da mesma forma que itens irregulares são estocados no léxico mental, as palavras regulares derivadas também são, desde que tenha alta frequência de ocorrência; (3) palavras regulares derivadas que não possuem alta frequência de ocorrência são mapeadas a partir de representações de itens que partilham as mesmas propriedades semânticas e fonológicas; (4) a partir do número de características que as palavras constituintes dessa conexões partilham entre si, as conexões lexicais são mais ou menos fortes.

De acordo com Bybee (1985), a unidade básica de estocagem lexical é a palavra. Contudo, como novos itens lexicais são processados e/ou armazenados? O debate sobre a representação e o processamento das palavras morfológicamente complexas do léxico apresenta algumas hipóteses que divergem no processamento e na representação das formas regulares no léxico. Alguns pesquisadores argumentam que formas regulares e irregulares são processadas e armazenadas de formas diferentes - Modelo Dual / *Dual-processing model* -, porém outros entendem que formas regulares e irregulares funcionam cognitivamente, tanto em processamento e armazenamento, da mesma forma - Modelo único (*Single Model*) ou Modelos de redes.

Segundo o Modelo Dual / *Dual-processing model* (Pinker 1991, Prasada & Pinker (1993), Pinker & Price (1994) os verbos regulares e irregulares são processados e armazenados de forma estruturalmente diferentes no léxico. Esse modelo argumenta que as formas regulares são produzidas a partir de uma regra *default*, por exemplo, o particípio passado regular no PB é formado por uma regra de radical do verbo + ado/ido e os particípios irregulares são armazenados no léxico. Não há a estocagem das formas regulares, somente as formas irregulares são armazenadas. Os falantes, quando necessário, utilizam uma regra padrão para gerar novos particípios irregulares.

No Modelo único - *Single Model* ou Modelos de redes (Bybee, 1995), tanto as formas regulares como as irregulares são armazenadas no léxico, sendo formadas a partir da conexão entre similaridade fonética e semântica. O modelo postula que a representação do item lexical é afetada pela frequência. Os itens não são armazenados em uma lista longa e não estruturada. Bybee apresenta o Modelo Redes (*Network Model*), no qual o compartilhamento de semelhanças sonoras e semânticas faz emergir generalizações denominadas de esquemas. Cabe

salientar que este será o modelo adotado nesta pesquisa. Os esquemas podem ser de dois tipos: esquemas orientados para a fonte (*source-oriented schemas*) e orientados para o produtos (*product-oriented schemas*). De acordo com Cristóforo Silva e Gomes (2017), os esquemas orientados para fonte correspondem a generalizações entre palavras correspondentes às formas básica e derivada. Os esquemas orientados para o produto são generalizações a partir de conjuntos de palavras complexas ou derivadas, resultando em relações morfológicas, por exemplo, de plural e sua identidade fonética. Um mesmo item lexical participa de diferentes esquemas.

Cristóforo Silva e Gomes (2017) nos dizem que novos itens lexicais são processados – reconhecidos, identificados e discriminados – pelo mapeamento das representações existentes através de um conjunto de inferências probabilísticas, e que também têm relação com o conhecimento sociolinguístico, relacionado às diferentes situações interacionais, discursivas e estilísticas de uso da língua. A frequência de uso entra como elemento que possibilitará a força e a robustez dos itens lexicais. Bybee (2001) diz que há dois tipos de contagem de frequência: frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*).

Frequência de tipo - *type frequency* - refere-se à quantidade de itens que compartilham um determinado padrão estrutural, isto é, a contagem de quantas palavras no dicionário de uma língua que apresentam um determinado padrão. Já a frequência de ocorrência - *token frequency* - tem relação com a quantidade de vezes em que um item lexical ocorre em uma determinada amostra. Os efeitos de frequência podem ser observados tanto na aquisição como na mudança linguística e suscitam efeitos diferenciados no léxico. Bybee diz que a frequência de tipo está ligada à produtividade, ou seja, a probabilidade de um padrão ser aplicado em novas formas, sejam empréstimos ou novos vocábulos. Já a frequência de ocorrência tem dois efeitos distintos na mudança linguística: (1) itens com alta frequência na língua geralmente são atingidos primeiro que itens menos frequentes, se há uma mudança sonora com motivação fonética; (2) a alta frequência de ocorrência de um item torna-o menos suscetível à mudança gramatical ou analógica com base na análise em outras formas. Bybee (2011, 2010) explica que a mudança fonológica primeiramente atinge os itens mais frequentes e que é facilmente observável em elementos gramaticalizados ou frases que sofrem redução drástica à medida que aumentam em frequência. A autora traz como exemplo as construções em inglês *I am > I'm*, *do not > don't*, *cannot > can't*, entre outras, convencionalmente reduzidas por causa da sua alta frequência. Dessa forma, segundo Bybee (2010), as palavras utilizadas pelos falantes mais vezes, ou seja, com alta frequência de ocorrência, são mais propensas a serem afetadas em mudanças sonoras condicionadas foneticamente. Já no caso da segunda hipótese formulada

por Bybee (2001), em que a alta frequência de ocorrência de um item torna-o menos suscetível à mudança gramatical ou analógica com base na análise em outras formas, Alvarez Amaral (2022) traz como exemplo a palavra *europheus*, que segundo o autor, na base ASPA/UFGM, ocorre 9680 vezes. Diante desse resultado, Alvarez Amaral (2022) acredita que devido à alta frequência de ocorrência deste item, ele estará pouco sujeito a sofrer alguma mudança relacionada à competição de padrões de plural dos ditongos orais decrescentes.

Como forma de exemplificar a frequência de tipo, a qual, de acordo com Bybee (2001), está ligada à produtividade, ou seja, a probabilidade de um padrão ser aplicado em novas formas, sejam empréstimos ou novos vocábulos, observemos os verbos no infinitivo no PB. Cunha & Cintra (2013) afirma que há três conjugações na Língua Portuguesa: primeira com terminação *-ar* (cantar - falar - chorar), segunda conjugação *-er* (ler, saber, escrever) e a terceira conjugação *-ir* (partir, ouvir, sentir). Novos verbos criados no PB, normalmente, seguem a primeira conjugação, que contém a vogal *-a* na forma do infinitivo (amar, etc), como *sextar*, que ainda não faz parte do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), porém tem sido muito utilizado, sobretudo nas redes sociais. O enquadramento de novos verbos na 1ª conjugação ocorre devido ao fato de esta ser a conjugação com maior número de verbos, comparativamente à segunda e a terceira conjugações, isto é, com maior frequência de tipo (Cunha e Cintra, 2013). Com as bases teóricas apresentadas, podemos embasar a abordagem do estudo sobre a alternância entre as formas verbais participiais regulares e irregulares, observando a língua de uma perspectiva na qual o uso é organizado em redes de conexão emergindo a partir das generalizações em diversos níveis. A alternância entre *trazido ~ trago*, *chegado ~ chego* pode ser definida como uma variável linguística, havendo, portanto, a necessidade de se estabelecer os condicionamentos linguísticos, sociais e cognitivos que atuam na alternância entre as variantes. No capítulo 5, com base no exposto sobre a hipótese de que os itens lexicais estão conectados em rede, sendo conectados por suas similaridades semânticas e fonéticas, faremos a análise dos dados.

No próximo capítulo, o objeto em análise nesta pesquisa, o participio passado, será analisado tanto na perspectiva da gramática tradicional, como também na visão das informações divulgadas na internet.

SÍNTESE

As teorias apresentadas neste capítulo trabalham em conjunto para melhor acomodar a variação. Isso posto, a Teoria da Variação e Mudança Linguística trouxe a possibilidade de se

incorporar tanto aspectos estruturais quanto sociais à concepção de língua, rompendo com a ideia consolidada na primeira metade do século XX de que a língua seria um sistema homogêneo desvinculado de seus usos. Assim, WLH propõe que a variação seria inerente ao sistema linguístico, motivo pelo qual a língua seria um sistema inerentemente heterogêneo. No entanto, o modelo de gramática assumido por WLH foi o modelo formal disponível à época, incorporando as regras variáveis ao sistema formal já existente para que a variação fosse acomodada no sistema linguístico. Assim, a variação linguística, na Teoria da Variação e Mudança, seria o resultado de um processo, em que a uma forma subjacente (homogênea) seria aplicada uma regra que geraria formas variáveis, ou seja, uma extensão da abordagem formal em vez de ser aplicada de forma absoluta.

Dessa maneira, vimos a necessidade de buscar um modelo que pudesse melhor acomodar a variação linguística. Com isso, entendemos que os Modelos de Exemplos poderiam nos fornecer uma acomodação mais significativa da variação linguística, pois esse modelo assume que a variação possui um caráter representacional no qual todos os exemplos emergentes das experiências sociolinguísticas se encontram representadas no léxico do falante. Além disso, os Modelos de Exemplos entendem que o conhecimento linguístico é resultado da interação dos aspectos inatos da cognição humana e da experiência do falante com a língua, isto é, o dualismo *nature x nurture* é quebrado.

Em resumo, temos neste trabalho a conjugação da Teoria da Variação e Mudança, no que diz respeito ao conceito de língua dotada de heterogeneidade ordenada, bem como a hipótese de representação dos Modelos de Exemplos, para os quais a variação tem status representacional.

2. O PARTICÍPIO PASSADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O presente capítulo apresenta uma descrição do particípio passado de verbos na 1ª, 2ª e 3ª conjugação do português brasileiro à luz das gramáticas normativas. Cabe ressaltar que não pretendemos fazer uma análise diacrônica do objeto de pesquisa, contudo consideramos relevante uma breve exposição do que é consagrado pelas gramáticas normativas para um melhor entendimento do objeto em estudo. Além dessa breve descrição, acrescentaremos um conjunto de resultados de trabalhos que têm tratado sobre a alternância entre a forma regular -ado/ido e a irregular -do e a inovação de algumas formas participiais como: *chego* e *trago*, desenvolvidos sob diferentes orientações teóricas da Linguística. Além disso, a revisão dos trabalhos que serão apresentados se faz necessária, a fim de que sejam observadas tanto as

convergências quanto às divergências no que se refere ao estudo do particípio e que irão nortear a análise dos resultados obtidos nesta pesquisa. Cabe salientar que, neste trabalho, somente a forma verbal do particípio na estrutura ativa com o verbo *ter* foi utilizada nos experimentos, entretanto, a descrição do objeto não se limitará somente a estrutura ativa a fim de possibilitar uma melhor análise dos dados.

2.1 O PARTICÍPIO PASSADO NA VISÃO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL

O particípio passado no português brasileiro é uma das formas nominais do verbo, com características de nome e de verbo, sendo sua formação herança do latim. De acordo com (SAID ALI, 1964 [1931], a língua latina possuía particípios em três tempos: presente, futuro e pretérito, porém somente estes dois últimos permaneceram atuantes na língua portuguesa. Os particípios de futuro eram divididos em particípios de voz ativa e passiva, como, por exemplo, *vindouro* e *doutorando*, respectivamente, mantendo suas características puramente eruditas, funcionando hoje, em nossa língua, também como nomes, e ocupando, inclusive, a função de aposto (DIAS, 1953). Já o particípio pretérito “têm, ou tiveram, dous particípios” (SAID ALI, 1964 [1931], p. 147), característica que ainda acontece na Língua Portuguesa. O autor destaca o verbo comer, o qual, apesar de atualmente só contar com a forma regular comido, já apresentou no passado também a forma irregular *comesto*, concorrente da regular, o que significa dizer que comer já foi um verbo abundante. Não só o verbo comer, mas outros verbos também já tiveram particípios duplos em fases anteriores da história da língua e atualmente só possuem apenas a forma regular. Brocardo (2006) aponta alguns verbos que hoje apresentam apenas particípios regulares, todavia, já possuíram as duas formas participiais - regular e irregular. Verbos como *absolver* - *absolvido*/**assolto*, *absolto* - , *colher* - *colhido*/**colheito*, *trazer* - *trazido*, /**treito*. Com isso, podemos dizer que o verbo trazer também já foi abundante no passado da língua portuguesa e que, atualmente, a forma *trazido* tem deixado de ser a única forma participial para o verbo *trazer*, sendo a forma *trago* utilizada por muitos falantes, principalmente na fala. De acordo com Miara (2013), as duas formas - *trago* e *trazido* - estão concorrendo entre si tanto que

Muitas pessoas já não querem mais falar, por exemplo, tinha trazido, porque acreditam que essa forma está errada ou simplesmente porque a consideram “feia”, preferindo tinha trago, criando, pois, uma forma irregular para esse verbo. Sendo assim, é possível que seja mais natural sermos corrigidos quando falarmos trazido do que quando falarmos trago, em muitas situações. (p. 72)

Esses verbos que possuem as duas formas, regular e irregular, são chamados de

abundantes. Segundo Said Ali (2008 [1908]) alguns verbos abundantes perdem um de seus participípios, por conta do desuso, sendo substituídos; já outros, diferentemente, preservam duas ou mais formas concomitantemente, formas tais que parecem permitir o mesmo efeito no uso, gerando dúvidas na aplicação prática. As gramáticas normativas tentam estabelecer regras, construindo tabelas para identificar quais verbos possuem o privilégio da abundância e quais não gozam desse recurso. Além de estabelecer usos diferenciados para a forma regular e irregular, numa tentativa de organizar esse fato linguístico.

Segundo Cunha e Cintra (2001), usam-se os verbos auxiliares *ter* e *haver* mais a forma regular de participípio na construção de tempos compostos da voz ativa. Já na constituição dos tempos da voz passiva, formadas com o verbo auxiliar *ser*, deve-se usar, preferencialmente, a forma irregular, o que abre margem para a possibilidade de a voz passiva também ser constituída de formas regulares. Os autores esclarecem, mais a frente, quais verbos a construção *ser* + participípio regular é permitida, uma vez que tal possibilidade não alcança todos os verbos abundantes.

Para Rocha Lima (2005 [1972]), os principais verbos auxiliares para a formação do tempo composto são *ter/haver* para as sentenças ativas e *ser* para as sentenças passivas, contudo, esses não seriam os únicos verbos auxiliares para a formação dos tempos compostos. Em sua gramática, o autor exhibe uma lista de verbos, que para ele, são abundantes. Dentre os verbos citados, alguns verbos como, *aceitar*, *eleger* e *salvar* possuem um uso diferenciado. De acordo com o gramático, para esses verbos, há a possibilidade de utilizar a forma regular e irregular com o verbo *ter* nas sentenças ativas, formando construções como, *tinha aceitado* e *tinha aceito*. Entretanto o autor não aprova construções como o verbo *ser* e a forma regular do participípio, o que resultaria em construções como *foi aceitado*.

De acordo com Bechara, em geral a forma regular de participípio é empregada com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva. O diferencial deste autor, em relação aos outros, é que, embora apresente uma regra geral, ele reconhece a variação no uso de participípios regulares e irregulares de muitos verbos abundantes. Para ele, há muitos participípios de muitos verbos abundantes que podem variar seu uso tanto em ativas como em passivas, indiferentemente, de maneira que sua regra geral possui muitas exceções.

Já para Perini (2010), os verbos abundantes possuem dois participípios diferentes, sendo a forma regular chamada de *participípio verbal* e a forma irregular de *participípio nominal*. De acordo com o autor, quando o participípio carrega sobre si a característica do verbo, ou seja,

particípio verbal, ele ocorre “associado ao verbo ter, e só aí” (PERINI, 2010, p. 176), enquanto o particípio nominal associa-se ao verbo ser. Para Perini (2010, p. 178), todos os verbos têm particípio verbal, mas nem todos possuem particípio nominal. Um exemplo seria o verbo ser, que não aparece com flexões do tipo *sida, sidas, sidos* etc., mas apenas na forma invariável como, por exemplo, em *tem sido* ou *temos sido*, um particípio verbal. Podemos concluir que o uso entre as formas regulares e irregulares dos verbos no particípio não possuem consenso entre os gramáticos apresentados. Entre os falantes, há também muita dúvida na utilização dessas formas participiais.

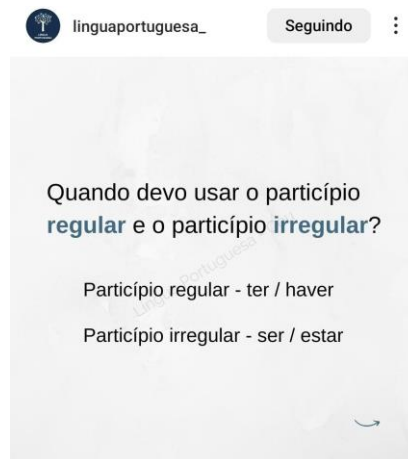
2.1.1 O PARTICÍPIO PASSADO E A VISÃO DA NORMA “CURTA” DA INTERNET

Atualmente, a internet tem feito parte de nossas vidas, sendo quase impossível desassociar o mundo cibernético da busca pelo conhecimento. Dessa forma, decidimos buscar o nosso objeto de estudo no mundo virtual. O objetivo com as informações retiradas de perfis de influenciadores da internet, nesta pesquisa, é trazer dados que são amplamente divulgados, já que as páginas que serão citadas possuem mais de 700 mil seguidores. Entretanto, muitas vezes, a visão oferecida por estes influenciadores é o que o Faraco chama de norma *curta*¹. Dessa forma, a informação trazida nessas páginas pode não refletir o que realmente está nas gramáticas e manuais da Língua Portuguesa.

Sendo assim, iniciaremos nossa análise pela imagem 1 abaixo, retirada da rede social *línguaportuguesa*, página que tenta resolver dúvidas do PB, mostra como a organização das formas regulares e irregulares são apresentadas aos falantes no mundo cibernético.

¹ Faraco traz em seu livro *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós* a definição de norma curta com “um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura de erro e têm impedido um estudo adequado da nossa culta/comum/ standard.

Imagem 1 – Instagram Língua Portuguesa (@linguaportuguesa)



A imagem 1 segue a prescrição de algumas gramáticas do português, que apresentam a regra geral para o uso do particípio, contudo, o uso dessas duas formas, regular e irregular, nas sentenças ativas com os verbos ter/ haver e nas sentenças passivas com o verbo ser/estar, possui algumas controvérsias em gramáticas consagradas pela norma. Em uma breve pesquisa na internet, facilmente encontramos questionamentos dos falantes sobre essas formas e quais seriam as corretas. As imagens 2 e 3 mostram a pergunta de dois internautas a uma professora que possui uma página nas redes sociais com mais de 2,4 mil seguidores e expressa o embaraço que a alternância dessas formas pode trazer aos falantes.

Imagem 2 - Instagram Cíntia Chagas (@cintiachagass)

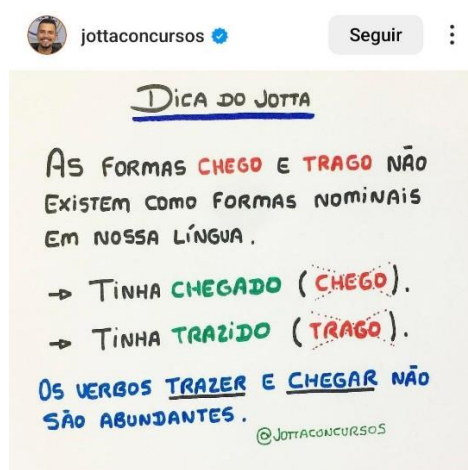


Imagem 3 - Instagram Cíntia Chagas (@cintiachagass)



Questionamentos como os realizados acima, no qual o falante não sabe o momento de utilizar a forma regular e irregular não ocorre somente com verbos abundantes. Encontramos postagens como a imagem 4, retirada da rede social de mais um professor com inúmeros seguidores, em que as forma inovadoras *trago* e *chego* são apresentadas como itens que não “existem” na função de particípio, afirmando que os verbos não são abundantes, contudo, este trabalho buscará trazer evidências que auxiliem na visualização da ampliação da rede do particípio formado pela consoante velar [g].

Imagem 4– Instagram Edson Diniz (@jottaconcursos)



Em resumo, observamos que as respostas encontradas na internet foram com base na regra geral mencionada anteriormente, na qual há uma divisão simples entre formas regulares com os verbos *ter/haver* e as formas irregulares com o verbo *ser*, contudo, essa regra nem

sempre é utilizada por todos. Além disso, inovações para os verbos trazer e chegar no particípio são consideradas inexistentes nas pesquisas internet, muito embora já tenham sido constatado o uso dessas formas inovadoras por trabalhos como de Miara (2013). Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é observar um possível processo de mudança de algumas formas de particípio a partir da emergência e consolidação de novos padrões irregulares, com base em um modelo de gramática que tem não só a variabilidade como central ao conhecimento linguístico, mas também confere status representacional à variação. Assim, como arcabouço teórico para este trabalho serão utilizados os pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 1972) e os pressupostos teóricos dos Modelos de Exemplares (BYBEE, 2001, 2010; PIERREHUMBERT, 2003, 2016; CRISTÓFARO e GOMES, 2017, 2020) que já foram apresentados acima.

2.1.2 VERBOS PEGAR E PAGAR

Os verbos no particípio na língua portuguesa, como já dito na seção anterior, podem ser abundantes ou não, isto é, possuem duas ou apenas uma forma participial. Assim sendo, com base em nossa hipótese de associação fonética e semântica da 1ª pessoa do singular verbos trazer e chegar à rede de conexões participial irregular que possui consoante oclusiva velar [g], vimos a necessidade de analisar mais diretamente os verbos pagar e pegar na visão tradicional da gramática normativa e em pesquisas na internet.

O verbo pagar de acordo com Bechara (2001 [1999]) ainda é abundante, embora registre o uso da forma regular pagado apenas em sentenças ativas como, por exemplo, tinha pagado, sendo que descreve o uso da forma irregular pago em sentenças ativas e passivas – tinha/foi pago. Pereira (1946 [1926]), assumi o verbo pagar como abundante, porém salienta o uso na voz ativa, que, segundo ele, também admite sua forma irregular pago, com os verbos ter e haver. Said Ali (1964 [1931], p. 149), da mesma forma, salienta o fato de o verbo pagar, no português antigo, apresentar as formas pagado e pago, usadas sem uma regra específica, porém afirma que o uso da forma irregular foi tornando-se cada vez mais frequente, de maneira que, cada vez mais oculta-se pagado. Rocha Lima (2005 [1972]) afirma que “na linguagem contemporânea, quer com o auxiliar ter, quer com ser, só se usam os particípios irregulares ganho, gasto e pago, dos verbos ganhar, gastar e pagar” (ROCHA LIMA, 2005 [1972], p. 171). Cunha e Cintra (2001) reconhecem o verbo pagar como abundante, contudo, em outro momento da história da língua, não o considerando mais, afirmando que a forma irregular *pago* “substituiu completamente o antigo pagado” (p. 442).

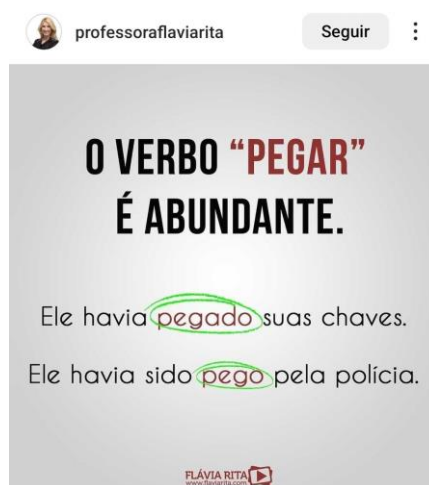
Em pesquisas na internet, o cenário para o verbo pagar é diferente, sendo considerado um verbo abundante, isto é, as duas formas regular e irregular são validas. A imagem 5 foi retirada da página social da professora Grace Agra. O post afirma que o verbo pagar é abundante e ratifica a regra geral do particípio, na qual a forma regular deve ser utilizada com os auxiliares ter e haver, ao passo que a forma irregular deve ser utilizada com os auxiliares ser e estar.

Imagem 5 – Grace Agra (Instagram: @prof.graceagra)



O verbo pegar, da mesma forma que o pagar, é considerado por Bechara (2001 [1999]) como um verbo com dois particípios, a saber, pegado e pego, admitindo a forma pegado tanto pode ser usada em ativas como em passivas. Cunha e Cintra (2001) e Perini (2010) não o incluem em sua lista de verbos abundantes. Rocha Lima (2005 [1972]) diz que o “particípio literário é pegado, com qualquer auxiliar” (ROCHA LIMA, 2005 [1972], p. 171), porém não registra construções com o particípio pego, nem mesmo na linguagem popular. De modo igual ao verbo pagar, também realizamos uma pesquisa na internet, pois como já foi dito, a rede cibernética é a cada dia mais acessada para a obtenção de informações. Assim, encontramos o verbo pegar também como um verbo abundante. A imagem 6 foi retirada da rede social da professora Flávia Rita que possui inúmeros seguidores e cursos em sua página pessoal. A professora afirma que o verbo pegar é abundante, entretanto, na descrição do post, ela não ratifica totalmente a regra geral do particípio. A docente informa que “na maioria das vezes, o particípio regular deve ser usado com os verbos auxiliares “ter” e “haver”. Já no particípio irregular, usam-se os verbos auxiliares “ser” e “estar”.

Imagem 6 – Flávia Rita (Instagram: @professoraflaviarita)



Dessa forma, podemos observar que a gramática normativa não oferece uma regularidade nas informações sobre os dois verbos, não havendo um consenso entre os gramáticos. Todavia, no mundo cibernético, os verbos pegar e pegar são considerados abundantes. A análise mais detalhada dos verbos pagar e pegar foram realizadas com o intuito de auxiliar na observação do objeto desta pesquisa, visto que nossa hipótese se fundamenta na possível ampliação da rede participial dos verbos formados pela consoante velar [g].

Na próxima seção, serão apresentados trabalhos que observaram a alternância entre as formas regulares e irregulares com bases teóricas diversas, mas que serviram para a reflexão dos resultados obtidos nesta pesquisa. O objetivo é ter uma base para a melhor compreensão do objeto em estudo, possibilitando analisar convergências e divergências entre as teorias desses trabalhos e a teoria que orienta este estudo.

2.2 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

O particípio passado tem sido estudado a partir de arcabouços teóricos diferentes. Dessa forma, Barbosa (1993) utilizou a Sociolinguística Variacionista como base para seu trabalho com o particípio passado. O autor teve como objetivo verificar se havia mudança para tal fenômeno morfossintático. Para isso, seu trabalho apoiava-se em um teste com particípios e uma análise de dados orais, obtidos através de gravações da fala carioca. Inicialmente, Barbosa (1993, p. 46) considerou a variação do particípio uma mudança difusionisticamente implementada a partir do registro assistemático de formas participiais em relatos, conversas e publicações, somado ao registro sistematizado nos pré-testes aplicados. De acordo com o autor, observou-se formas verbais nunca antes registradas ao lado das tradicionais formações

com o morfema (-DO). Formas verbais como *chego* para o verbo *chegar*, *trago* para o verbo *trazer*, *perco* para o verbo *perder*, dentre outras. Um apontamento interessante de Barbosa (1993) sobre essas formas inovadoras é que “apresentariam a forma de primeira pessoa do singular, do presente do indicativo funcionado com participípios.” (BARBOSA, 1993, p.47), apontando para uma hipótese de reaplicação da regra a novos itens, já que

Admite-se a possibilidade de um processo em seu início para alguns itens, pois o padrão de passagem funcional da forma conjugada à forma nominal de participípio irregular tinha sido observado em itens como “GASTO”, GANHO” ou “PAGO”, que já fazem parte dos participípios perfeitos rizotônicos.” (BARBOSA, 1993, p.47) [grifos do autor]

Nos dados de fala, “a certeza da variação fragilizou-se” BARBOSA, 1993, p. 49), pois a motivação para uma variação foi observada apenas com o aparecimento da forma *perco* para a forma irregular, contudo houve o aparecimento de duas formas regulares - *fazido* e *desfazido*. Para Barbosa (1993), o surgimento dessas duas formas regulares “pode assinalar que não apenas a irregularidade, mas também a regularidade seria o caminho de criação para novos itens.” (BARBOSA, 1993, p.51). Essa afirmação, de uma reaplicação da regra, tanto para regularidade quanto para a irregularidade, para formação dos participípios, de certa forma, é relevante com a hipótese deste trabalho, pois as conexões em rede são estabelecidas por proximidades fonéticas e semânticas que podem ampliar a rede a cada item mapeado.

As variáveis extralinguísticas *faixa etária* e *nível sociocultural* também foram significativas para indicar o uso variável dos participípios na pesquisa de Barbosa (1993). A primeira possibilitou a observação, por meio dos pesos relativos, da formação de uma curva etária própria à variação. Para o autor, tal evidência revela “um duplo caminho na mudança: de (-DO) para (-O) e de (-O) para (-DO)” (BARBOSA, 1993, p. 84), tendo fatores diferentes envolvidos para as duas direções apresentadas de acordo com Barbosa. A segunda variável também apresentou dados importantes, pois diferente da expectativa do autor de uma maior produção de *-do* por parte dos escolarizados e de mais *-o* por parte dos menos escolarizados, os dados apontaram direções diferentes. Barbosa (1993) conclui que o uso de *-o* (forma irregular) tem maior probabilidade de ocorrência em falantes com nível maior de escolaridade. “Parecem fugir do estranhamento causado pelo irregular em alguns contextos ou simplesmente optar (-O) na maior parte dos casos previstos pela norma.” (BARBOSA, 1993, p. 187). Entretanto, há também o sentido inverso a depender do item lexical, isto é, o emprego do regular (-DO) em contextos previstos para o regular (-O), “chegando a admitir formas altamente estigmatizadas pela norma culta.” (BARBOSA, 1993, p. 190). Barbosa finaliza propondo a ampliação do corpus de análise para uma melhor observação do participípio, dizendo que as sondagens

realizadas em seu estudo deixaram um caminho que permite dizer onde está ou não está a mudança.

Nas palavras de Lobato (1999), um fato interessante chama a atenção e se mantém inexplicado na morfologia verbal do português: a existência, para o mesmo verbo, de duas formas de particípio passado; uma regular, com uso de vogal temática verbal, a qual carrega o acento tônico, chamada de forma arrizotônica, e a outra irregular, sem uso de vogal temática verbal e com acento sobre o radical, sendo essa forma então rizotônica, como em *expulsado/expulso, pegado/pego*. O trabalho desta autora tem como base teórica a proposta minimalista de Chomsky (1995) sobre traços formais, buscando entender o que determina a realização morfológica do particípio português como arrizotônico e/ou rizotônico. A autora rejeita a hipótese de que as formas irregulares são reduções das formas regulares e apresenta como argumento citações do gramático Said Ali (1919;1966). Este autor argumenta que, às vezes, a forma regular parece ser a mais antiga (elegido/eleito) e, em outras vezes, parece ser a irregular a forma mais antiga (absoluto/absolvido, defeso/defendido, diviso/dividido, resoluto/resolvido). Além disso, Said Ali diz que há casos em que não é possível explicar como a forma regular poderia ter dado origem à forma irregular, pois, na maioria das vezes, o vocábulo precede à criação do verbo e se incorpora à sua conjugação, a exemplo de entregue/entregar. Ademais, o particípio irregular do verbo pagar, a forma *pago*, é exclusivo do português, visto que o latim transmitiu às línguas românicas apenas a forma regular *pacatum*. Nas palavras de Lobato (1999), “se não há relação derivacional entre as duas formas de particípio que um mesmo radical verbal gera, tem de estar havendo algum processo mais abstrato que leva à produção das duas” (LOBATO, 1999, np).

De acordo com as gramáticas normativas, os particípios no português se distribuem em três classes, a partir dos verbos que lhe dão origem: (a) verbos que só apresentam particípios regulares: aborrecer → aborrecido, amar → amado, sair → saído etc.; (b) verbos que só apresentam particípios irregulares: dizer → dito, ver → visto, vir → vindo; e (c) verbos abundantes, que apresentam particípios regulares e irregulares: expressar → expressado/expresso, aceitar → aceitado/aceito, entregar → entregado/entregue. Sendo assim, se a formação das formas regulares e irregulares não partem do controle consciente do falante, isto é, ele não tem ingerência sobre a produção dessas formas e nem há derivação de uma forma irregular a partir de uma regular e vice-versa, Lobato tenta buscar informações subjacentes na língua que determina essa realização.

Para Lobato (1999) o radical é a base na qual as informações subjacentes atuam para criar as formas rizotônicas e arrizotônicas. Dentre as informações subjacentes, Lobato cita as

regularidades fonológicas, verificadas pela relação *formação de particípio x vogal temática* e pela relação *forma do particípio x contexto fonético*. De acordo com Lobato

Em resumo, os traços do radical impõem limites ao que se pode gerar, e nesse sentido determinam o produto final, tanto em sua forma quanto em sua interpretação semântica, mas muitas vezes a informação do radical dá margem a uma dupla derivação, o que implica escolha, daí advindo o caráter relativo da relação determinística. (LOBATO, 1999, np)

Dessa forma, apesar de Lobato (1999) defender a ideia de que há traços que possam determinar a formação do particípio, não foi possível identificar que traços são esses e suas reais contribuições para esse processo.

Encontramos no trabalho de Silva (2008) informações relevantes sobre a produtividade dos particípios de verbos do léxico e verbos hipotéticos em formações verbais. A autora observou que verbos hipotéticos, “novos”, tendem a regularização, isto é, “[...]o falante obedece, na maioria das vezes, o padrão de regularidade da língua, preferindo formar particípios regulares.” Silva (2008, p. 73). Contudo, de acordo com a autora, os verbos do léxico tiveram uma tendência contrária, sendo as formas irregulares mais produtivas, “ocorrendo, inclusive, a criação de formas irregulares para verbos que apresentam, segundo a gramática, apenas particípio regular. Este fenômeno, de certa forma, vai de encontro às regras de formação de palavras, as quais postulam como improdutivas as formas irregulares”. Silva (2008, p. 73). A pesquisa de Silva (2008) teve como objetivo verificar qual a forma mais produtiva/recorrente dos particípios em formações verbais, tentando compreender a inversão da distribuição das formas regulares e irregulares de particípio em formações de tempo composto e voz passiva e a criação de particípios irregulares para verbos que, segundo a Gramática Tradicional, apresentam exclusivamente particípio regular.

QUADRO 1: Resumo das Conclusões sobre Produtividade

PRODUTIVIDADE	
PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
- Mais produtivos	- Menos produtivos
- Alta produtividade com verbos novos	- Produtividade em crescimento com verbos do léxico
em o padrão de formação de particípios do português	de formação de particípios do português

	analogia a participios irregulares presentes no léxico
	- Acarretado por um fenômeno de hipercorreção
	am o prestígio das formas irregulares, geralmente presente no léxico dos falantes cultos

Fonte: Silva, 2008

Ela também observou os fatores linguísticos e extralinguísticos na opção do falante pelo uso da forma regular ou da forma irregular de participípio em situações de fala, envolvendo tanto verbos presentes no léxico do português, quanto verbos hipotéticos. Os resultados desses fatores também se mostram relevantes para esta pesquisa, pois foi observado por Silva (2008) que falantes com um nível mais alto de escolaridade fazem maior uso do participípio irregular e falantes com um nível mais baixo de escolaridade preferem o participípio regular. Nas palavras da autora,

[u]ma das razões que contribui para o aumento da produtividade destas formas irregulares é a tentativa do falante de superar-se no seu próprio modo de falar, realizando um fenômeno de hipercorreção”. “Este fenômeno de hipercorreção, por sua vez, está diretamente relacionado com a questão do prestígio linguístico, visto que se identifica no uso feito pelo público de acesso ao ensino superior sua maior ocorrência”. (Silva, 2008, p.75).

Acreditamos que essa tentativa de hipercorreção pode levar o falante ao uso dessas novas variantes e que por força da frequência e por suas similaridades fonéticas e semânticas são atraídas para as redes de conexões, centralizando itens como *trago* e *chego* nas generalizações do participípio.

Miara (2013) também estudou os participípios na perspectiva da Sociolinguística, tendo como objetivo tentar compreender o que leva um falante a escolher a forma regular ou a forma irregular, como também o que leva o inovar em verbos que já possuem uma forma para o participípio. A autora buscou saber se havia condicionadores linguísticos e extralinguísticos que fossem responsáveis por influenciar a escolha, como, por exemplo, a atenção à fala. A base teórica utilizada em sua pesquisa foram os pressupostos da Teoria e da Variação Linguística e seu corpus foi formado com dados do jornal Diário Catarinense online, mas um teste de avaliação.

Foram selecionados 12 verbos, escolhidos dentre 25 verbos considerados abundantes pelos autores pesquisados por Miara (2013). A autora ressalta que por mais que não haja

consenso na determinação desses verbos abundantes, ela pode afirmar que há, no mínimo, 25 verbos abundantes no português. Desses verbos escolhidos, três deles são canônicos, ou seja, registrados como abundantes em gramáticas atuais e nove não são considerados abundantes por algumas dessas mesmas gramáticas. Os verbos selecionados foram: *salvar, imprimir, entregar, pagar, ganhar, gastar, pegar, abrir, escrever, chegar, trazer e descobrir*.

Os resultados obtidos por Miara demonstraram uma variação no uso das formas de particípio, sendo que no teste de atitude houve preferência pela forma irregular, tanto em sentenças ativas como em sentenças passivas, nos dados escritos houve maior percentual de uso de particípios regulares em sentenças ativas, o que não atestou a hipótese da autora, “já que a amostra escrita se mostrou obediente à variedade padrão da língua” (Miara, 2013, p. 230). Em contrapartida, em ambas as amostras investigadas, os particípios irregulares foram os que apresentaram maior percentual, “... já que são as formas mais bem avaliadas pelos falantes e as mais frequentemente usadas na escrita.” (Miara, 2013, p. 230).

SÍNTESE

Os trabalhos apresentados trouxeram algumas informações importantes para esta pesquisa. Uma delas é a observação pela preferência da forma irregular, observada por diferentes autores (Barbosa, 1993; Silva, 2008; Miara, 2013). Outra informação interessante é a possibilidade de reaplicação da regra em verbos que usam como forma irregular do particípio a primeira pessoa do presente do indicativo observada por Barbosa (1993) e a hipótese de traços formais subjacentes para a formação das formas regulares e irregulares trazida por Lobato (1999), contrariando a possibilidade de as formas irregulares derivarem das regulares. No entanto, essas hipóteses não explicariam por que novos particípios irregulares são criados a partir de (re)aplicação de regras ou compartilhamento de traços formais, tendo em vista que não se pode fazer previsão de que formas poderiam ser atingidas e tampouco como essas regras funcionam sob ponto de vista estritamente formal.

Assim, entendemos que seja possível explicar o surgimento e consolidação de formas variáveis de particípio por meio de um modelo de gramática que concebe a hipótese de que os itens lexicais estão conectados em rede, sendo conectados por suas similaridades semânticas e fonéticas. Além disso, esse modelo de gramática precisa, igualmente, propor um mecanismo capaz de lidar com informações não apenas estruturais, mas também que incorpore informações para além da estrutura, tal como a questão da avaliação social. A variação, dentro desse modelo de gramática, faz parte do léxico, fazendo parte do conhecimento linguístico do falante. A rede

de conexões formada por similaridades fonéticas e semânticas permite a centralização de algumas formas, porém não há o descarte total de formas não centralizadas, sendo assim construída a complexa rede do conhecimento linguístico.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a metodologia de levantamento e tratamento dos dados dos experimentos de produção e avaliação. Conforme mencionado anteriormente, esse trabalho tem por objetivo observar um possível processo de mudança de algumas formas de participação a partir da emergência e consolidação de novos padrões irregulares, com base em um modelo de gramática que tem não só a variabilidade como central ao conhecimento linguístico, mas também confere status representacional à variação. O estudo comparativo entre produção e avaliação poderá fornecer evidências para verificar a emergência dos novos padrões e pode revelar uma avaliação mais positiva de algumas formas inovadoras, as quais podem favorecer a consolidação de novos usos e conseqüentemente um possível processo de mudança.

Importante ressaltar que essa pesquisa é parte de um projeto maior coordenado pelo Professor Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo, intitulado “Dinâmica da variação e da mudança na comunidade de fala: um olhar a partir das margens”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro / IESC - UFRJ, CAAE - parecer nº 5.077.520.

3.1 PARTICIPANTES

Os dois testes foram aplicados em estudantes universitários de 1º e 2º períodos do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. No experimento de produção, participaram 40 falantes e, no experimento de avaliação, participaram 47 falantes. Ambos os experimentos foram aplicados no prédio da Faculdade de Letras (UFRJ), em sala separada, com um participante por vez, de forma offline. Os experimentos foram rodados em um laptop e: (a) para o experimento de produção, as respostas dos participantes foram gravadas e, posteriormente, computadas em uma tabela; (b) para o experimento de avaliação, os participantes ouviram as sentenças por meio de um fone de ouvido e as respostas foram coletadas no próprio equipamento em que o experimento foi realizado, por meio do programa *PsychoPy*. Este é um programa gratuito voltado para a construção e aplicação de experimentos nas áreas de psicologia, neurociência e psicofísica com vistas à apresentação de estímulos e à coleta de dados psicométricos, tais como tempos de resposta/reação (RT) e acurácia (*accuracy*).

Não houve controle de idade dos indivíduos, tendo em vista que todos os participantes pertenciam à mesma faixa etária (idade entre 19 e 26 anos). Além disso, o sexo-gênero dos

disponível para concluir o experimento, esse controle poderia retardar a finalização desta pesquisa. Em pesquisas futuras, espera-se ser possível controlar essas duas variáveis (idade e sexo/gênero dos participantes), pois ambas podem contribuir para um melhor entendimento da dinâmica deste fenômeno: segundo apontam diversos estudos variacionistas, a adoção de formas inovadoras reconhecidas como prestigiadas tendem a ser adotadas diferentemente de acordo com o sexo dos falantes; e um comportamento diferenciado dos falantes - produção e percepção - a partir de diferentes faixas etárias pode indicar uma mudança de valor social atribuído às variantes e, conseqüentemente, pode impulsionar um processo de mudança em andamento.

3.2 EXPERIMENTO DE PRODUÇÃO

Neste trabalho, optamos por realizar um experimento de produção em vez de recorrer a banco de dados, pois nosso objeto de pesquisa - variação em formas de particípio - não costuma aparecer em entrevistas sociolinguísticas na quantidade necessária para que se observe alguma sistematização. Assim, como é necessário um quantitativo significativo de ocorrências, 12 verbos no particípio foram escolhidos para compor esse experimento, a saber: *amar, trazer, chegar, comprar, beber, pegar, comer, pagar, incluir, fazer, cair e descobrir*. Se, em entrevistas sociolinguísticas, forem encontrados dados para todos os verbos mencionados, esses serão esparsos e provavelmente nem todos estarão dentro do ambiente sintático delimitado para esta pesquisa – as sentenças ativas com o verbo *ter*. Assim, optou-se pelo experimento, a fim de provocar a produção sistemática de dados que fossem passíveis de análise.

Dessa forma, os dados foram obtidos pelo experimento de produção, no qual os falantes cumpriram a tarefa de completar 17 sentenças, sendo 12 sentenças com os verbos anteriormente elencando e mais 05 sentenças distratoras. Conforme já anunciado, o experimento foi aplicado no prédio da Faculdade de Letras (UFRJ), em sala separada, com um participante por vez, sendo utilizado um gravador para coletar as produções. Participaram do experimento 40 falantes, tendo como foco a alternância das formas regulares e irregulares do particípio dos 12 verbos escolhidos para integrarem o experimento, como, por exemplo, *pegado e pego, pagado e pago e trazido e trago*, sendo esta última uma forma inovadora. O foco da análise era a alternância das formas de particípio:

- Presença do sufixo ado/ido - **pegado** - **trazido**
- Ausência do prefixo - pego - pago

Todas as sentenças do experimento foram construídas a partir do mesmo contexto sintático, fazendo com que a resposta dos participantes fosse, necessariamente, uma forma de particípio dos verbos apresentados. Assim, os participantes foram expostos a uma sentença SVO (escrita). O aplicativo *Powerpoint* foi utilizado como suporte para realizar o experimento de produção. A tarefa a ser realizada pelos participantes era a de completar a sentença seguinte com o particípio do verbo a que foram expostos na sentença anterior, conforme a imagem (7)

Imagem 7 – Slide verbo trazer do experimento de produção

Ele trouxe o livro.

O problema seria se ele
não tivesse _____ .

As sentenças-alvo incluíam os 12 verbos selecionados e as 05 sentenças distratoras continham, no lugar dos verbos, nomes: *dinheiro, juízo, livros, paciência e orgulho*, conforme a imagem (8):

Imagem 8 – Slide do experimento de produção – sentença distratora

Ele tinha dinheiro.

O problema seria se ele
não tivesse _____ .

Os 12 verbos que compõem a pesquisa não foram escolhidos aleatoriamente e podem ser organizados em quatro grupos distintos:

1. verbos abundantes, isto é, verbos que são produzidos tanto na forma regular como irregular: pagar (*pagado* e *pago*), pegar (*pegado* e *pego*) e incluir (incluído e incluso);
2. os verbos produzidos exclusivamente com a forma regular: amar, beber, comer, sair e comprar
3. verbos cujo particípio é produzido majoritariamente na forma irregular: descobrir (*descoberto*) e fazer (*feito*), mas que podem ocorrer com a forma regular: *descobrido* e *fazido*;
4. verbos que apresentam formas irregulares inovadoras de particípio: verbos trazer (tinha *trago*) e chegar (tinha *chego*), os quais são observados em conversas informais, postagens na internet, nas pesquisas mencionadas no capítulo anterior (Barbosa, 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) e costumam ser objeto de avaliação explícita por parte dos falantes.

O participante não tinha tempo pré-determinado para responder a cada slide e só era apresentado o outro slide após a resposta à sentença que estava em tela. As respostas foram gravadas por meio de um gravador. O tempo de resposta não foi contabilizado, entretanto a hesitação dos falantes diante de algumas formas, mostrou que seria interessante esse controle do tempo de resposta em trabalhos futuros.

3.3 EXPERIMENTO DE AVALIAÇÃO

Conforme assinalado anteriormente, é importante observar não só a produção, como também a avaliação dos falantes sobre as variantes produzidas. Já que além das afirmações de (Barbosa, 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) sobre a preferência das formas irregulares pelos falantes, os participantes do nosso experimento de produção relataram que suas produções estavam vinculadas às percepções do que eles achavam *certo* ou *errado*, usando muitas vezes as palavras *bonito* e *feio* para se referirem a algumas formas do particípio. Em consequência desses relatos, o experimento de avaliação foi construído com o objetivo de analisar se os valores atribuídos às formas de particípio têm impacto na emergência de formas inovadoras. O experimento de avaliação foi aplicado a indivíduos que pertenciam ao mesmo grupo social dos falantes que participaram do experimento de produção. Como já dito anteriormente, o experimento de avaliação também foi aplicado no prédio da Faculdade de Letras (UFRJ), em sala separada, com um participante por vez. O participante utilizou fones de ouvido como forma de impedir que ruídos pudessem atrapalhar a atenção do participante. O experimento de avaliação é composto por 12 sentenças com as variáveis estudadas e

seis distratoras, utilizando a técnica de *matched guise* (LAMBERT, 1960). Nesse experimento, o participante, após ouvir uma sentença com a variável, deverá julgar quem produziu aquela sentença: a diretora, a inspetora ou a faxineira da escola. A profissão escolhida revela expectativas sociais distintas, pois, segundo Votre (2010), as formas estigmatizadas são associadas com um falar errado ou vício por parte dos falantes mais escolarizados. Assim, quanto mais próxima a variável estiver do que o participante considera prestigioso, entende-se que seu julgamento, neste experimento, deve estar mais próximo da diretora; por outro lado, quanto mais uma determinada forma linguística se distancia do padrão de prestígio, mais ela deve ser associada ao perfil da faxineira da escola. Isso porque se pressupõe que a associação entre a ocupação e a forma linguística desempenhada influi na avaliação dos indivíduos sobre os itens realizados com diferentes variantes.

As sentenças foram, então, gravadas duas vezes, por uma mulher, com nível universitário e idade entre 25-30 anos. As gravações continham realizações distintas para o mesmo verbo, sendo uma gravação com a forma regular e a outra com a forma irregular. Os itens foram organizados em duas listas, cada uma com metade dos estímulos com uma variante e metade com a outra. Assim, cada participante ouviu seis sentenças com a forma regular de cada um dos verbos e seis sentenças com a forma irregular de cada verbo. Nenhum falante ouviu o mesmo item com as duas variantes. No total cada participante ouviu 12 sentenças-alvo e 6 distratoras.

Os verbos selecionados para o experimento de avaliação foram escolhidos em consonância com os resultados obtidos no experimento de produção, pois deveriam apresentar a forma regular e irregular do particípio. Assim sendo, foram descartados os verbos *amar, comprar, beber, comer, fazer, cair*. Esses verbos não apresentaram nenhuma ocorrência inovadora que pudesse levá-los a ser considerados abundantes em nosso experimento de produção. Por mais que o particípio do verbo *descobrir* tenha sido produzido com *descobrido* no experimento de produção, este verbo não serviu de estímulo para o experimento de avaliação, uma vez que a realização desta forma se dá por analogia ao tipo de particípio mais frequente na língua (regular) e o que se analisa neste trabalho é a emergência de formas irregulares. Isto posto, temos a quadro 2 abaixo com a lista dos verbos que compõem o experimento de avaliação, sendo os verbos do Grupo 01 aqueles que não contêm a consoante oclusiva, velar, sonora na formação do particípio (-ago ou -ego) e os verbos do Grupo 02 aqueles que contêm a referida consoante na formação do particípio:

Quadro 02. Verbos do Experimento de Produção

VERBO		forma de particípio	
		irregular	regular
GRUPO 01	SALVAR	Salvo	Salvado
	GANHAR	ganho	Ganhado
	IMPRIMIR	impresso	Imprimido
	ACEITAR	aceito	Aceitado
	GASTAR	Gasto	Gastado
	INCLUIR	incluso	Incluído
GRUPO 02	TRAZER	Trago	Trazido
	CHEGAR	chego	Chegado
	PREGAR	prego	Pregado
	AFAGAR	Afago	Afagado
	PEGAR	Pego	Pegado
	PAGAR	Pago	Pagado

No momento de aplicação dos experimentos, uma situação foi relatada aos ouvintes a fim de ambientá-los ao experimento: “Você está em uma escola e ouve uma mulher dizendo algumas frases. Após ouvir cada frase, diga se ela foi produzida pela diretora, pela inspetora ou pela faxineira da escola”. Cada participante ouviu 02 (duas) vezes cada sentença. Após ouvir cada sentença, os participantes avaliaram se a sentença ouvida foi dita pela diretora, pela inspetora ou por uma faxineira.

O objetivo era verificar a avaliação que os falantes fazem acerca das formas linguísticas a que eram expostos, a partir da ideia de que diferentes experiências sociais dos sujeitos influenciam a avaliação dos falantes. Votre (2010: 52) argumenta que “o modo de comunicação das pessoas desprovidas de prestígio econômico e social tende a ser coletivamente avaliado como estigmatizado”. O autor prossegue dizendo que as formas estigmatizadas são associadas com um falar errado ou vício por parte dos falantes mais escolarizados. Assim, quanto mais

próxima uma forma estiver daquilo que o participante julgar como prestigiada, entende-se que o seu julgamento, neste teste, deveria se aproximar mais da diretora; por outro lado, quanto mais afastada do padrão de prestígio determinada forma linguística estiver, mais próxima do perfil da faxineira essa forma deveria estar associada. Isto porque assume-se que a associação entre a profissão e a forma linguística realizada influencia a avaliação dos indivíduos acerca dos itens realizados com diferentes variantes.

A fim de que fosse possível estabelecer uma comparação entre a avaliação das formas regular e irregular de cada verbo, foram atribuídos diferentes valores para as respostas dadas pelos participantes aos três perfis de profissões: se, após ouvir uma sentença, o participante associasse tal sentença ao perfil *diretora*, o valor 01 era atribuído ao estímulo daquela sentença; se a escolha fosse pelo perfil *inspetora*, o valor 02 era atribuído ao estímulo daquela sentença;; se a escolha fosse pelo perfil *faxineira*, o valor 3 era atribuído ao estímulo daquela sentença. Dessa forma, quanto mais alto o valor atribuído a uma determinada variante, significa que houve mais associações com a profissão de *faxineira*, e, conseqüentemente com o perfil social de baixa escolaridade e de atividade profissional pouco valorizada.

No próximo capítulo, será realizada a análise dos dados do experimento de produção e avaliação.

4. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos nos experimentos de produção e avaliação descritos no capítulo anterior. Esses experimentos foram elaborados a fim de observar a produção e a avaliação dos falantes em relação a formas inovadoras de particípio e tinha como objetivo oferecer uma hipótese capaz de explicar a emergência e o uso dessas formas inovadoras, conjugando pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionistas e dos Modelos de Exemplares. Os dois experimentos se fizeram necessários por dois motivos: (a) conforme já assinalado no capítulo anterior, em razão da natureza do fenômeno analisado, não seria possível conseguir um número de dados de produção - pelo menos, de maneira que permitisse uma sistematização necessária - em entrevistas sociolinguísticas; (b) como se entende que a experiência de falar e ouvir afete o conhecimento linguístico dos falantes, foi necessário conjugar a análise de dados de produção e de avaliação. Neste sentido, os dados obtidos por meio desses dois experimentos poderiam contribuir para que os objetivos da presente pesquisa fossem alcançados. Primeiramente, serão apresentados os resultados para o experimento de produção. Em seguida, serão apresentados os resultados obtidos para o experimento de avaliação. Por fim, os resultados de ambos os experimentos serão discutidos, momento em que serão levantadas hipóteses sobre a emergência e uso de formas inovadoras de particípio, a partir dos pressupostos teóricos assumidos por esta pesquisa.

4.1 EXPERIMENTO DE PRODUÇÃO

Como o levantamento de dados em entrevistas sociolinguísticas não seria suficiente para que se conseguisse a sistematização necessária para análise do fenômeno em questão, foi necessário elaborar e aplicar um experimento de produção. Neste experimento, buscou-se fazer com que os participantes produzissem, de forma controlada, diferentes formas de particípio. Assim, os participantes eram apresentados a uma sentença na voz ativa com o verbo *ter* e, como tarefa do experimento, deveriam completar, na sequência, uma sentença com verbos pertencentes a quatro grupos distintos: (1) verbos considerados abundantes (*pagar, pegar e incluir*); (2) verbos que apresentam somente a forma regular para o particípio (*amar, comprar, beber, comer e cair*); (3) verbos cujo particípio é produzido majoritariamente na forma irregular (*descobrir e fazer*); e (4) verbos que podem ser produzidos com formas irregulares inovadoras de particípio (*trazer e chegar*).

Assim, como já esperado relativamente às produções dos verbos *amar, comprar,*

beber, comer e cair, os 40 participantes produziram apenas formas de particípio na sua forma regular (*amado, comprado, bebido, comido e caído*, respectivamente). Em outras palavras, não foram observadas formas variáveis de particípios desses verbos: todos os participantes produziram, categoricamente, as formas inicialmente esperadas para esse grupo de verbos. Os participantes também produziram, categoricamente, a forma irregular de particípio do verbo *fazer* (*feito*).

Relativamente aos verbos *trazer, chegar, pegar, pagar, incluir e descobrir*, os participantes alternaram as formas de particípio. Na tabela 1 a seguir, podemos observar o número de ocorrências que cada variante produzida pelos participantes no experimento:

TABELA 1. Resultados para verbos que apresentaram variação.

VERBO	FORMA REGULAR	FORMA IRREGULAR
pagar	pagado (16)	pago (24)
pegar	pegado (22)	pego (19)
incluir	incluído (35)	incluso (05)
descobrir	descobrido (03)	descoberto (37)
chegar	chegado (35)	chego (05)
trazer	trazido (24)	trago (15)

Na tabela 01, podemos observar que o verbo *pagar* e *pegar* apresentam maior variabilidade entre as formas regular e irregular. Diante disso, para o verbo *pagar*, temos 16 ocorrências da forma regular (*pagado*) e 24 ocorrências da forma irregular (*pago*). Em relação ao verbo *pegar*, os participantes produziram 22 ocorrências da forma regular (*pegado*) e 19 ocorrências para a forma irregular (*pego*). Conforme visto no capítulo 03, esses dois verbos são considerados abundantes pela tradição normativa, sendo realização das duas formas, regular e irregular, descritas por diferentes autores. Além disso, em razão de as duas formas serem aceitas pela tradição normativa, não é incomum observar não só a alternância dessas formas por falantes em diferentes situações comunicativas, como também a avaliação explícita sobre o uso das formas regular e irregular. Essa alternância, como também a preferência por uma das duas

formas, acontece com outros verbos no particípio, sendo descrita por Barbosa (1993) como uma forte tendência dos falantes, que parecem evitar o item regular morfema (-DO), ao emprego dos irregulares (morfema (-O)). Segundo o autor, esta tendência a produzir os itens em (-O) se entende pelos demais verbos da língua, criando novos itens irregulares, tais como *chego* e *perco*, que passam a variar com a forma regular. O mesmo autor continua dizendo que “[N]o sentido inverso a tal tendência, outros itens lexicais revelam o emprego do regular (-DO) em contextos previstos para o irregular em (-O), chegando a admitir formas altamente estigmatizadas.” (BARBOSA, 1993, p. 187).

Os verbos *incluir* e *descobrir* apresentam maior realização para uma das formas, tendo, respectivamente, 35 ocorrências para a forma regular (*incluído*) e 37 ocorrências para a forma irregular (*descoberto*). Por outro lado, para as formas *incluso* e *descobrido* temos, respectivamente, 05 e 03 ocorrências. No caso de *incluir*, a forma *incluso* existe na língua, pois, assim como *pegar* e *pagar*, é em um verbo abundante. O interessante em relação ao verbo *incluir* é o fato de a forma irregular parecer não ser a preferida entre os participantes, diferentemente do que apontam (Barbosa, 1993; Silva, 2008; Miara, 2013). Em relação à forma *descobrido*, o que se observa é a regularização do particípio, o que pode ser explicado por meio da analogia que alguns falantes podem fazer em razão de a forma irregular para o particípio passado deste verbo ser pouco frequente. Assim, por ser a frequência da forma *descoberto* pouco frequente para alguns falantes, esses mesmos falantes, por meio da analogia, produzem a forma regular que é o tipo mais frequente na língua para verbos das três conjugações verbais.

Apesar de não serem descritos como verbos abundantes canonicamente, as formas de particípio dos verbos *chegar* e *trazer* foram produzidas tanto na forma regular - mais frequentemente observada e validada pela tradição gramatical - como na forma irregular pelos participantes do experimento. Em relação ao verbo *chegar*, a forma regular (*chegado*) ocorreu 35 vezes e forma irregular (*chego*) foi produzida 05 vezes pelos participantes do experimento. Já em relação ao verbo *trazer*, a forma regular pôde ser observada em 24 ocorrências e a forma irregular foi observada em 15 ocorrências, cabe salientar que, como já foi informado acima, houve uma realização diferente de *trago* e *trazido* para o particípio do verbo trazer – [troʒ 'sedo].

Os resultados para os verbos *chegar* e *trazer* revelam que as formas inovadoras (particípio irregular: *chego* e *trago*) são produzidas por alguns dos participantes do experimento. Como todos os participantes eram jovens universitários, é possível inferir que essas formas inovadoras de particípio de ambos os verbos sejam produzidas na comunidade de

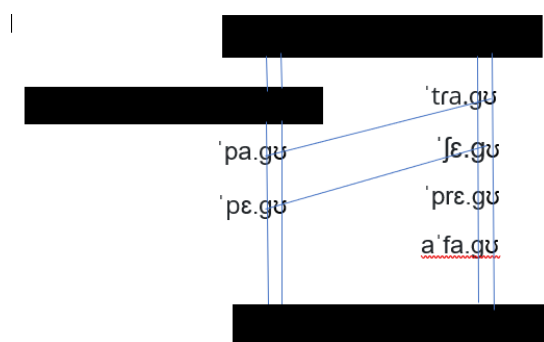
fala do Rio de Janeiro. Apesar de essa produção já poder ter sido atestada por qualquer falante desta comunidade, bem como comentada por falantes em redes sociais e grande mídia, é comum pouco escolarizados e/ou de classes sociais mais baixas. No entanto, o que se observa neste experimento é a realização das formas inovadoras (*chego* e *trago*) por falantes que estão cursando o nível superior. Em outras palavras, pode ser que o uso dessas formas esteja se propagando na comunidade de fala, sendo usadas por falantes de grupos que, a princípio, tenderiam a rejeitar tais usos.

Assim, além de atestar o avanço no uso de formas inovadoras, também se faz necessário buscar uma explicação para o surgimento dessas formas inovadoras e por que esses novos usos parecem atingir apenas alguns verbos, ao mesmo tempo em que parecem ser evitadas - ou, simplesmente, não são produzidas - para outros verbos. Neste sentido, um modelo teórico que conceba os itens organizados em uma rede de conexões de similaridade fonética e semântica parece oferecer uma explicação para os usos inovadores das formas de particípio dos verbos *chegar* (*chego*) e *trazer* (*trago*). As formas irregulares para as formas de particípio dos verbos *pagar* e *pegar*, dentro do grupo dos verbos abundantes, foram as que, juntas, apresentaram maior número de ocorrências, 24 para a forma *pago* e 19 para *pego*. É possível, tomando os pressupostos teóricos dos Modelos de Exemplares, que essas formas irregulares (*pago* e *pego*) formam uma rede robusta composta por itens que estão relacionados foneticamente em razão de serem realizados com uma consoante velar [g] e semanticamente em razão de serem formas relacionadas ao particípio. Além disso, as formas *pago* e *pego* também são formas verbais de 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo: eu *pago* e eu *pego*. Assim, o fato de esses itens formarem uma rede robusta por meio da qual esses três aspectos estão relacionados - presença da consoante [g], forma de particípio e forma verbal de 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo - pode fazer com que outras formas com as mesmas características sejam também capturadas por essa rede mais robusta.

Desta forma, outros verbos com estrutura sonora semelhante (com a oclusiva velar sonora) e que já existam na língua (1ª pessoa do singular, no presente do indicativo) podem ser atraídos para essa nova - e robusta - rede. Em outras palavras, a realização de formas de particípio inovadoras *trago* (15) e *chego* (05) podem ser o resultado da ampliação da rede de particípios constituídos por oclusivas velares sonoras: já que (eu) *trago* e (eu) *chego* já são itens da língua e, em razão, da similaridade sonora (estrutural) e de já serem formas verbais (1ª pessoa do singular do presente do indicativo), são atraídas pela rede de particípios irregulares formada pelos itens *pago* e *pego*. Assim, por meio de associações fonéticas e

semânticas, a rede de participípios com a velar sonora [g] se amplia à medida que as conexões semânticas e sonoras vão se formando, permitindo que a emergência de formas inovadoras para o participípio dos verbos *trazer* e *chegar*, tidos como verbos que possuíam apenas *chegado* - possam se acomodar na rede de conexões já formada pelas formas *pago* e *pego*.

Figura 3. Diagrama de verbos no participípio irregular



Fonte: elaboração própria

Por meio da figura 2, é possível dizer que as generalizações decorrentes das formas de participípio irregulares com os verbos *pagar* (pago) e *pegar* (pego) se expandiram e passaram a se aplicar em palavras novas que tenham semelhança com esses verbos. Com isso, nossa hipótese de que uma rede já existente na língua captura formas inovadoras torna-se mais palpável por meio dos dados apresentados.

4.2 EXPERIMENTO DE AVALIAÇÃO

Como complemento do experimento de produção, foi aplicado um experimento de avaliação para, como já foi dito, observar de que maneira a experiência do ouvir pode afetar o conhecimento linguístico do falante. Isto porque é comum, conforme demonstrado no capítulo 3, que os falantes avaliem as formas inovadoras de participípio de maneira objetiva, tal como é possível não só observar em nosso dia a dia, mas também em redes sociais e na grande mídia. No entanto, a avaliação de formas inovadoras como *chego* e *trago*, apesar de condenadas por alguns falantes - geralmente aqueles com maior grau de escolaridade -, parecem ser consideradas como "corretas" por outros falantes. Assim, uma possível avaliação positiva dessas novas formas de participípio por alguns falantes da comunidade de fala pode contribuir para que tais formas se propaguem com maior velocidade na comunidade de fala. Tomando os

pressupostos teóricos do Modelos de Exemplares, é possível argumentar que representação das formas das palavras no léxico inclui o detalhe fonético e, conseqüentemente, informações de indexação social também constituem as representações abstratas das palavras. Pode ser que, em razão de uma avaliação positiva por parte de alguns falantes da comunidade de fala, as formas inovadoras de participio, cujo processo de formação foi descrito na seção anterior, se tornem ainda mais robustas - e centrais - para um grupo de falantes, contribuindo para a propagação das novas formas.

Da mesma forma que o experimento de produção, o experimento de avaliação sociolinguístico também utilizou 12 verbos, contudo, como já foi descrito na metodologia, os verbos que não apresentaram as duas formas - regular e irregular - no experimento de produção não foram utilizados como estímulo neste experimento. Com isso, os verbos mantidos para o experimento de avaliação foram *trazer, chegar, incluir, pagar e pegar* e foram incluídos os verbos *aceitar, afagar, chegar, ganhar, gostar, imprimir, pregar e salvar*. Ainda conforme descrito no capítulo de metodologia, os participantes eram apresentados a sentenças com formas verbais no participio e, depois de ouvir cada sentença duas vezes, deveriam atribuir a produção destas sentenças a um dos três perfis profissionais distintos: *diretora de escola; inspetora de escola; faxineira de escola*. Esperava-se que a relação entre a forma de participio e a profissão escolhida pelos participantes revelasse o grau de prestígio ou estigma atribuído às formas de participio. A associação entre as variantes e profissões revela expectativas sociais bastante claras, uma vez que o valor social das profissões espelha também expectativas de formações sociais distintas: à profissão de *diretora* é atribuído um prestígio social maior, tendo em vista sua posição de destaque dentro de uma instituição de ensino; a profissão de *inspetora*, embora necessite de certa formação, não exige formação específica, além de ser, geralmente, ocupada por pessoas de classes mais populares que tiveram algum acesso a determinados bens sociais; a profissão de *faxineira* não necessita de qualquer formação e, geralmente, é ocupada por pessoas de classes sociais mais baixas.

No total, foram obtidas 564 respostas dos participantes, sendo a distribuição geral pela forma do participio - regular e irregular - apresentada na tabela a segui

Tabela 02. Resposta ao experimento de avaliação: distribuição geral por forma de participação

Forma	diretora	faxineira	inspetora	Total
irregular	108 (38,3%)	69 (24,5%)	105 (37,2%)	282
regular	108 (38,3%)	60 (21,3%)	114 (40,4%)	282
Total Geral	216	129	219	564

Conforme se depreende da tabela 2, as respostas se distribuíram quase de maneira uniforme entre os perfis, o que pode indicar que, no que se refere à forma verbal de participação, não parece haver avaliações distintas que possam levar ao entendimento de uma forma ser mais bem avaliada do que a outra, isto é, de que haja uma melhor avaliação de formas regulares do que irregulares ou vice-versa. Pelo contrário, o que se observa é uma distribuição muito parecida, com uma maior concentração nos dois extremos do contínuo (perfis extremos) e uma menor concentração no perfil intermediário. Parece ser certo também que esse equilíbrio na distribuição das respostas por perfil profissional reflita diferentes avaliações das formas apresentadas, sem parecer haver um direcionamento das respostas para um tipo específico (regular ou irregular). Assim, é necessário que sejam analisadas as respostas dos participantes por cada um dos estímulos, a fim de avaliar se há variantes que apontam para um ou outro extremo da tabela, o que pode, por sua vez, indicar um possível grau de estigma ou prestígio atribuído às formas de participação.

Para que fosse possível comparar a distribuição de respostas por estímulos, à cada resposta foi atribuída uma pontuação: para o perfil *diretora* foi atribuído 01 ponto; para o perfil *inspetora*, foram atribuídos 02 pontos; para o perfil *faxineira*, foram atribuídos 03 pontos. Assim, quanto mais alta a pontuação atribuída a cada estímulo, maior seria o grau de estigma atribuído àquela variante, tendo em vista que isso revelaria maior associação do estímulo ao perfil de menor prestígio social. Além disso, as diferentes pontuações atribuídas a cada estímulo poderiam revelar diferentes avaliações das formas regular e irregular. Da mesma forma, pontuações muito próximas atribuídas às formas regular e irregular de cada verbo poderiam indicar que não há diferença de avaliação entre as duas formas.

A tabela 03 a seguir traz os resultados do experimento de avaliação, apresentando o

número de respostas associadas a cada forma verbal que não contém uma oclusiva velar sonora na formação do particípio por cada uma das três profissões, bem como a pontuação geral atribuída para cada forma (regular e irregular):

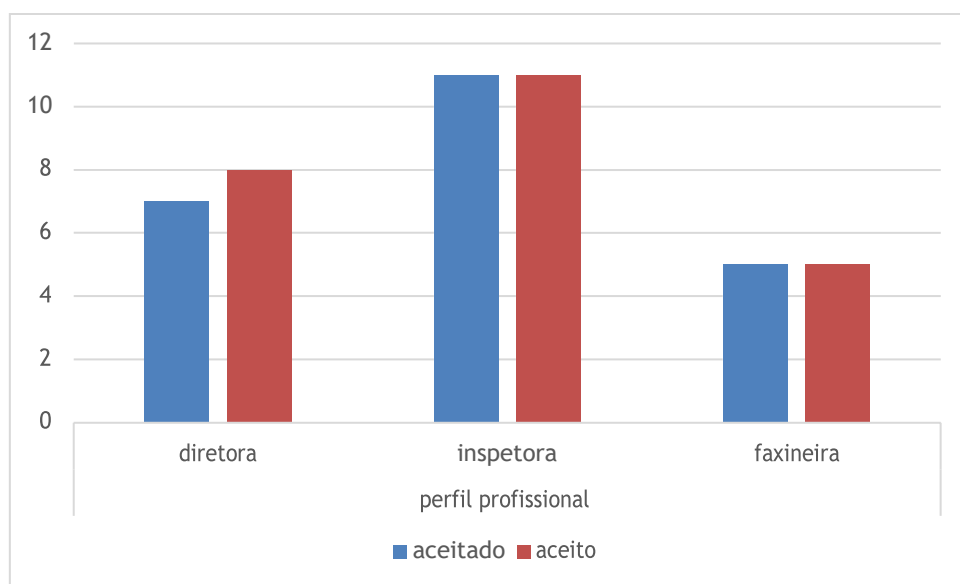
Tabela 03. Resposta ao experimento de avaliação: distribuição geral sem oclusiva velar

verbos	perfil profissional			TOTAL
	diretora	inspetora	faxineira	
aceitado	7	11	5	44
aceito	8	11	5	45
incluído	14	6	3	35
incluso	16	6	2	34
ganhado	6	8	9	49
ganho	6	8	10	52
impresso	9	12	2	39
imprimido	10	9	5	43
salvado	9	8	7	46
salvo	10	10	3	39
gastado	12	8	4	40
gasto	6	9	8	48

Em relação aos verbos que não têm a oclusiva velar sonora na formação de particípio irregular (-ago ou -ego), é possível observar que não houve diferença de avaliação entre as formas regulares ou irregulares dos verbos aceitar e incluir. No entanto, é possível observar tendências diferentes para a avaliação das formas de particípio:

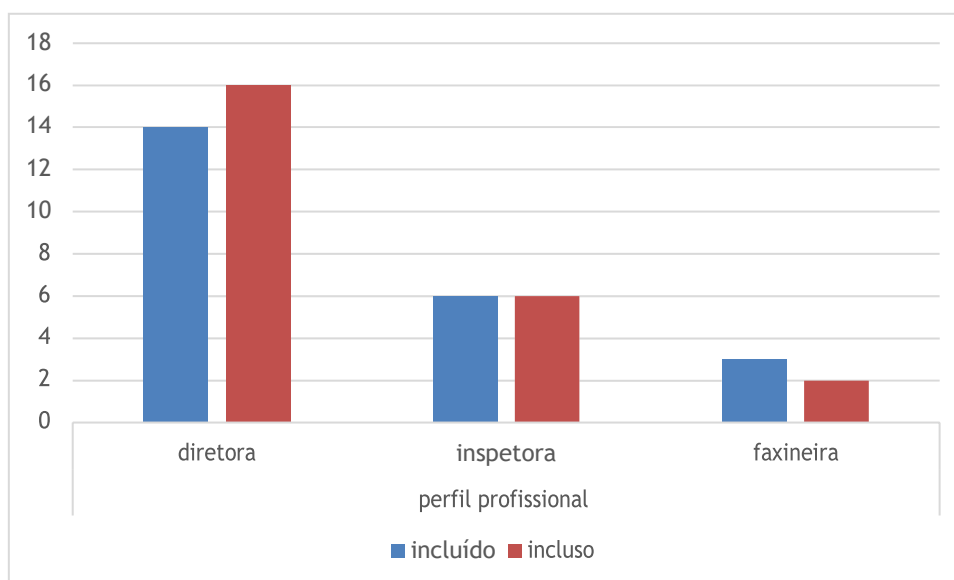
- a) para o verbo *aceitar*, parece não haver mesmo uma forma marcada, uma vez que as repostas para ambas as formas (*aceito* e *aceitado*) se concentraram no perfil intermediário (inspetora), o que revela que não há uma forma de prestígio ou de estigma entre as formas de particípio do verbo aceitar;

GRÁFICO 1. Resultado experimento de avaliação: verbo ACEITAR



b) para o verbo *incluir*, assim como em relação ao verbo *aceitar*, parece não haver uma forma marcada, tendo em vista que a distribuição de respostas por perfis foi muito semelhante, com grande concentração de respostas para ambas as formas no perfil mais prestigiado socialmente (diretora)

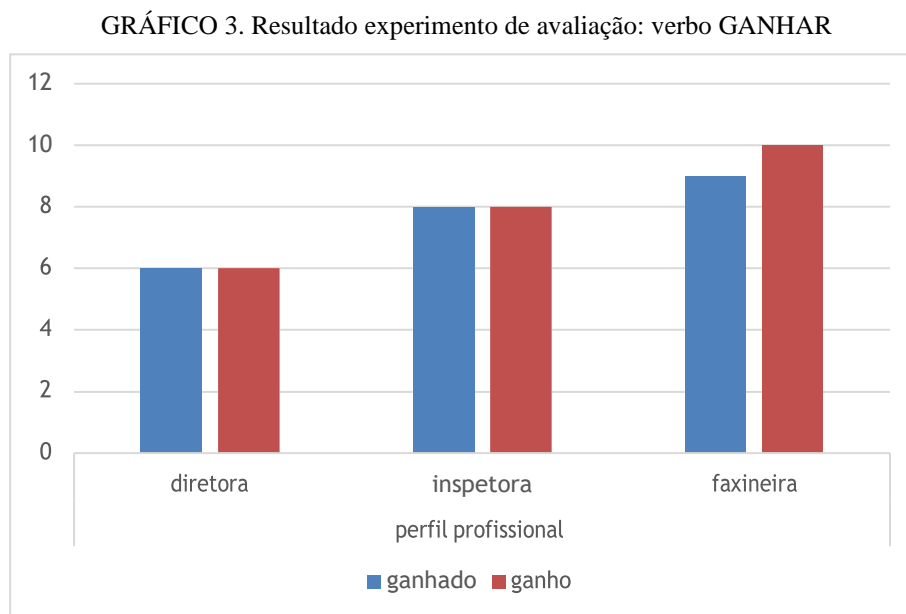
GRÁFICO 2. Resultado experimento de avaliação: verbo INCLUIR



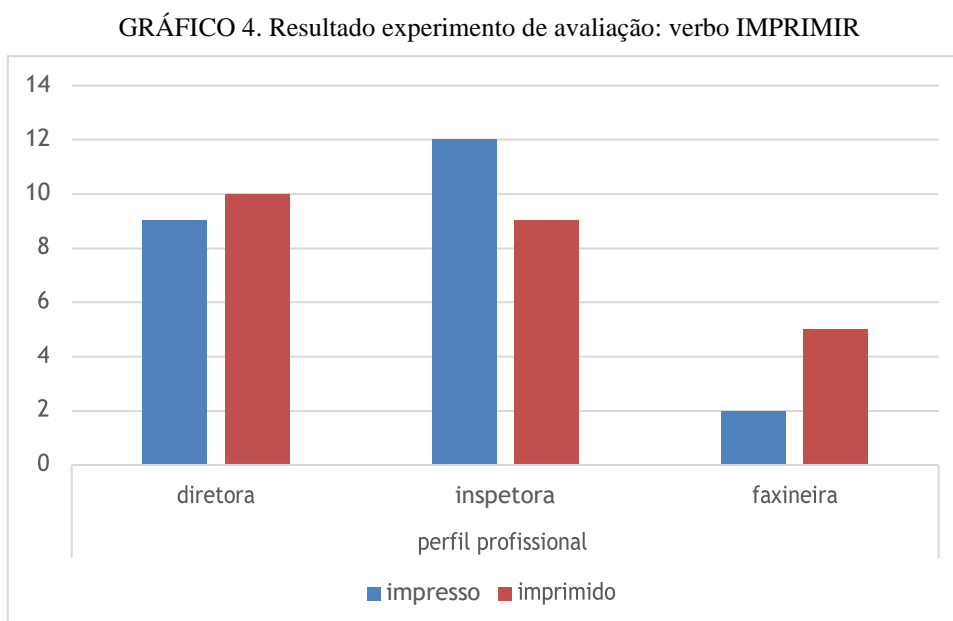
Os verbos *ganhar* e *imprimir* apresentam uma pequena diferença de avaliação entre as formas regular e irregular, revelando, ainda, uma diferença quanto às tendências de avaliação

para as formas de particípio dos dois verbos:

- a) para o verbo *ganhar*, houve uma pequena diferença de avaliação entre as duas formas de particípio, sendo as respostas para ambas as formas mais relacionadas aos perfis de menor prestígio social (inspetora e faxineira)

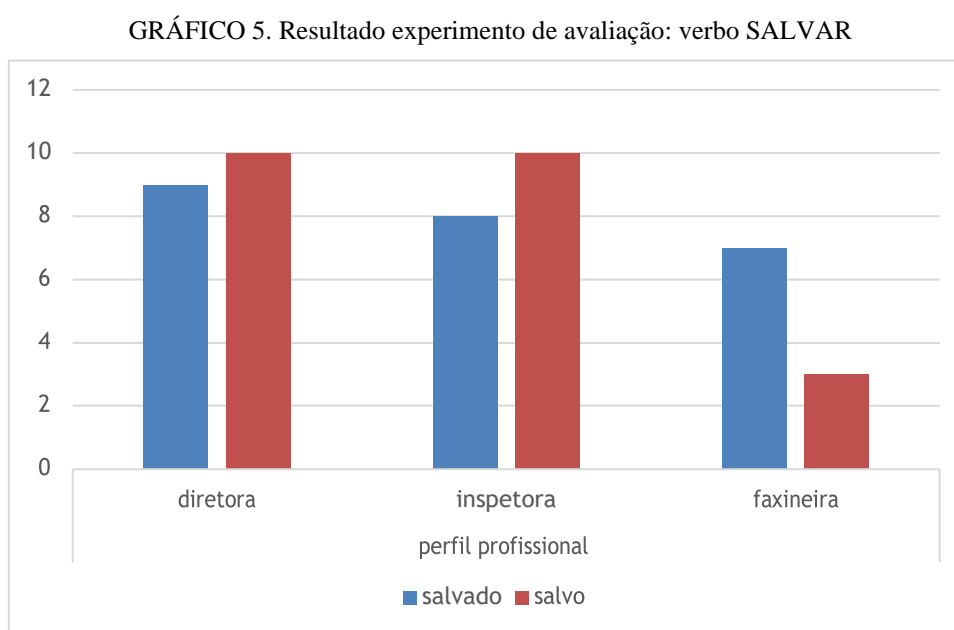


- b) para o verbo *imprimir*, também houve uma pequena diferença de avaliação entre as duas formas de particípio, sendo as respostas para ambas as formas mais relacionadas aos perfis de maior prestígio social (diretora e inspetora)



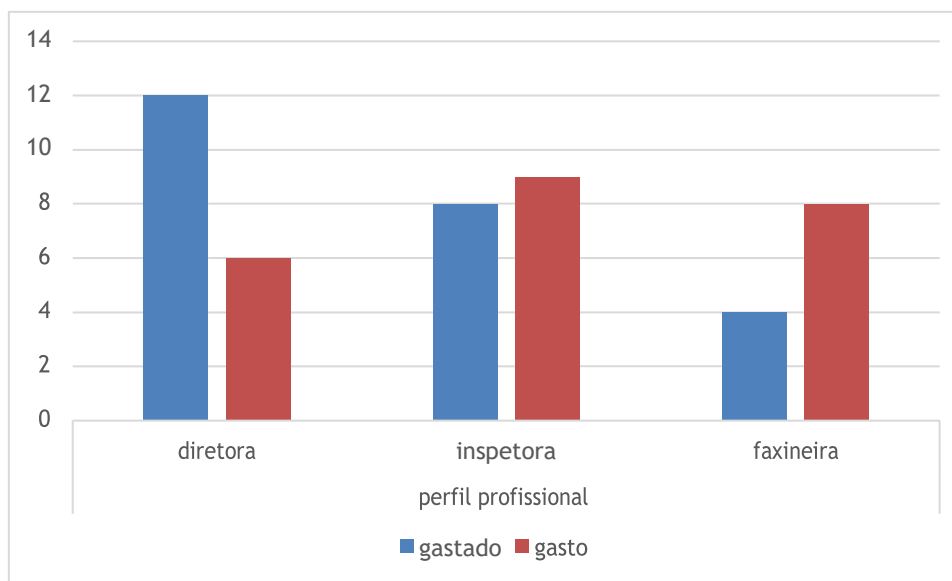
Os verbos *gastar* e *salvar* foram aqueles que apresentaram maior diferença entre a avaliação das formas de particípio para ambos os verbos. É possível ainda observar tendências diferentes para a avaliação das formas regulares e irregulares dos dois verbos:

a) para o verbo *salvar*, embora haja uma maior correlação entre as duas formas e os perfis de maior prestígio social (diretora e inspetora), a forma regular foi mais recorrentemente associada ao perfil de menor prestígio social (faxineira), o que resultou em uma avaliação mais positiva da forma irregular



b) para o verbo *gastar*, além de a diferença entre a avaliação das formas regular e irregular ter sido mais acentuada, é possível notar uma avaliação mais positiva da forma regular, a qual foi mais recorrentemente associada aos perfis de maior prestígio social, e uma avaliação mais negativa da forma irregular, a qual foi mais recorrentemente associada aos perfis de menos prestígio social

GRÁFICO 6. Resultado experimento de avaliação: verbo GASTAR



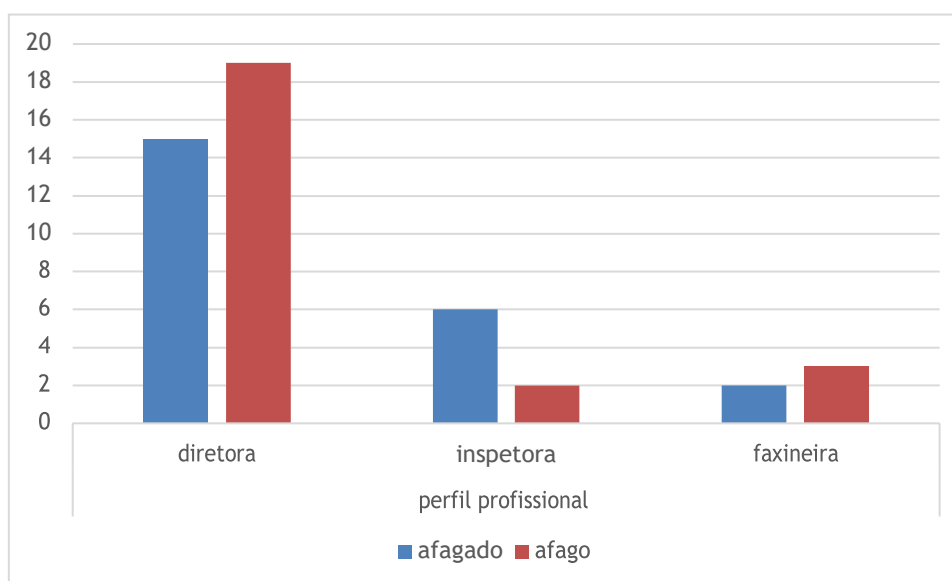
A tabela 4 a seguir traz os resultados do experimento de avaliação, apresentando o número de respostas associadas a cada forma verbal que contém uma oclusiva velar sonora na formação do participio por cada uma das três profissões, bem como a pontuação geral atribuída para cada forma (regular e irregular):

Tabela 4. Resposta ao experimento de avaliação: distribuição geral com oclusiva velar

verbos	perfil profissional			TOTAL
	diretora	inspetora	faxineira	
afagado	15	6	2	33
afago	19	2	3	32
chegado	3	15	5	48
chego	5	12	7	50
pagado	7	9	7	46
pago	8	13	3	43
pegado	9	10	4	41
pego	13	7	3	36
trago	7	7	9	48
trazido	8	14	2	42
pregado	7	10	7	48
prego	1	8	14	59

Em relação aos verbos que têm a oclusiva velar sonora na formação de particípio irregular (-ago ou -ego), é possível observar que não houve diferenças de avaliação entre a forma regular ou irregular do verbo *afagar*: houve uma concentração de respostas, para as duas formas, no perfil de maior prestígio social. Isto pode ter acontecido em razão da baixa frequência do verbo *afagar* na língua, o que pode ser levado os participantes a associarem o verbo ao perfil mais prestigiado, independentemente da forma de particípio adotada.

GRÁFICO 7. Resultado experimento de avaliação: verbo AFAGAR



Houve pequena diferença de avaliação para as formas de particípio dos verbos *chegar* e *pagar*, além de uma mesma tendência de avaliação para as duas formas de particípio, tendo em vista que houve, para ambos os verbos, uma concentração de respostas no perfil intermediário (inspetora). Embora essa tendência tenha sido esperada para o verbo *pagar*, chama a atenção para a associação de respostas ao estímulo com a forma inovadora e irregular do verbo *chegar*: essa concentração de resposta no perfil intermediário pode indicar que há uma aceitação, cada vez maior, da forma inovadora, inclusive entre falantes com alto grau de escolaridade.

GRÁFICO 8. Resultado experimento de avaliação: verbo PAGAR

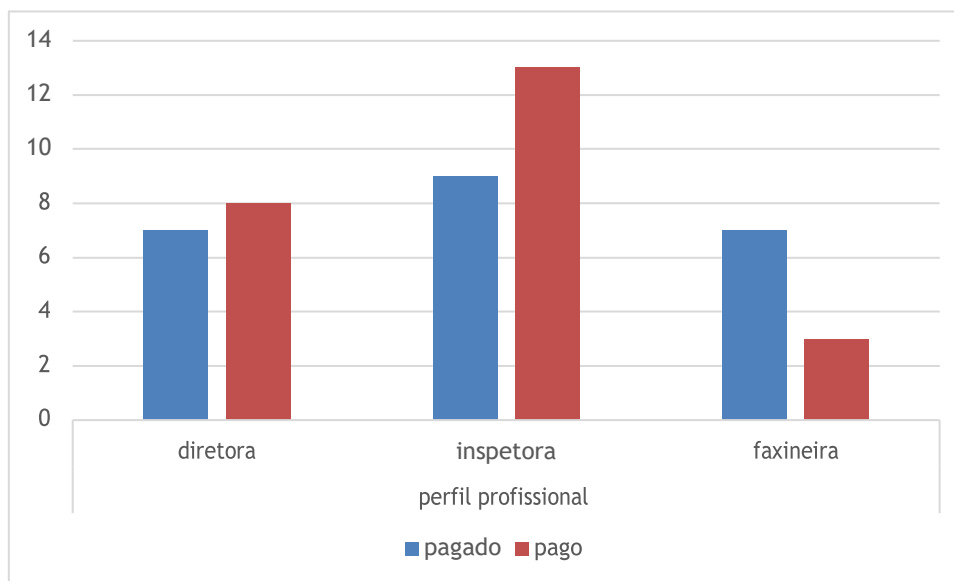
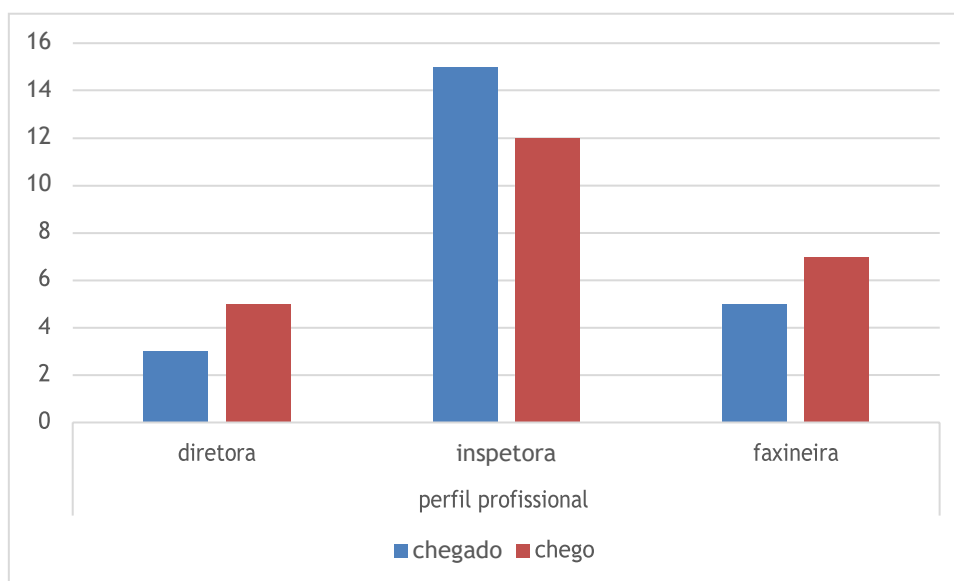


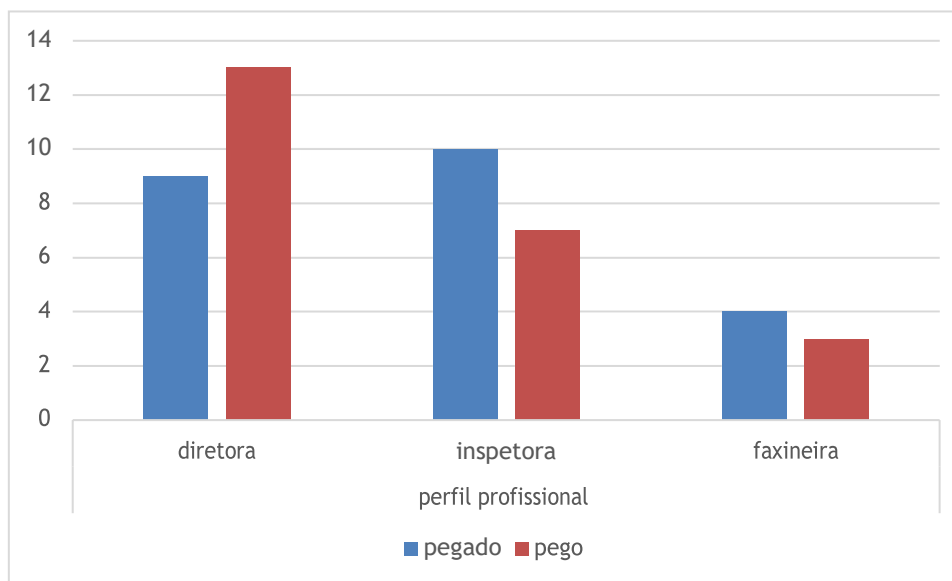
GRÁFICO 9. Resultado experimento de avaliação: verbo CHEGAR



Ainda em relação aos verbos cujo particípio irregular contém a consoante oclusiva velar sonora, é possível observar uma diferença um pouco mais acentuada para a avaliação das formas de particípio dos verbos *pegar* e *trazer*:

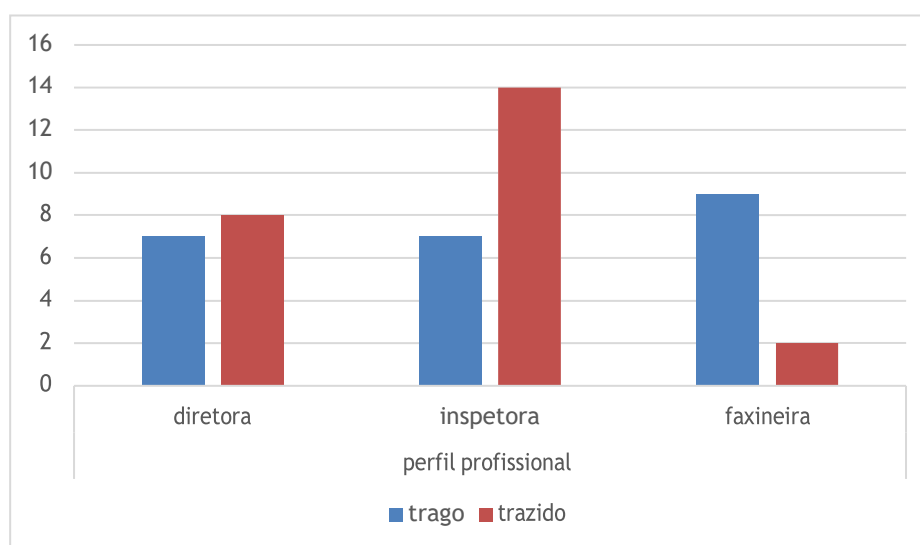
- a) relativamente ao verbo *pegar*, apesar de haver uma maior associação das duas formas de particípio aos perfis mais prestigiados socialmente, a forma irregular é ainda mais bem avaliada, tendo em vista que há uma maior associação entre essa forma e o perfil mais prestigiado socialmente (*diretora*);

GRÁFICO 10. Resultado experimento de avaliação: verbo PEGAR



b) em relação ao verbo *trazer*, é possível observar que nenhuma das duas formas foi associada ao perfil de maior prestígio social, tendo sido a forma regular mais bem avaliada (maior concentração no perfil intermediário). Chama a atenção ainda o fato de as respostas terem se distribuído de maneira quase uniforme entre os três perfis para a forma inovadora irregular (*trago*), o que pode indicar também, assim como para a forma *chego*, uma mudança de avaliação para as formas de particípio deste verbo.

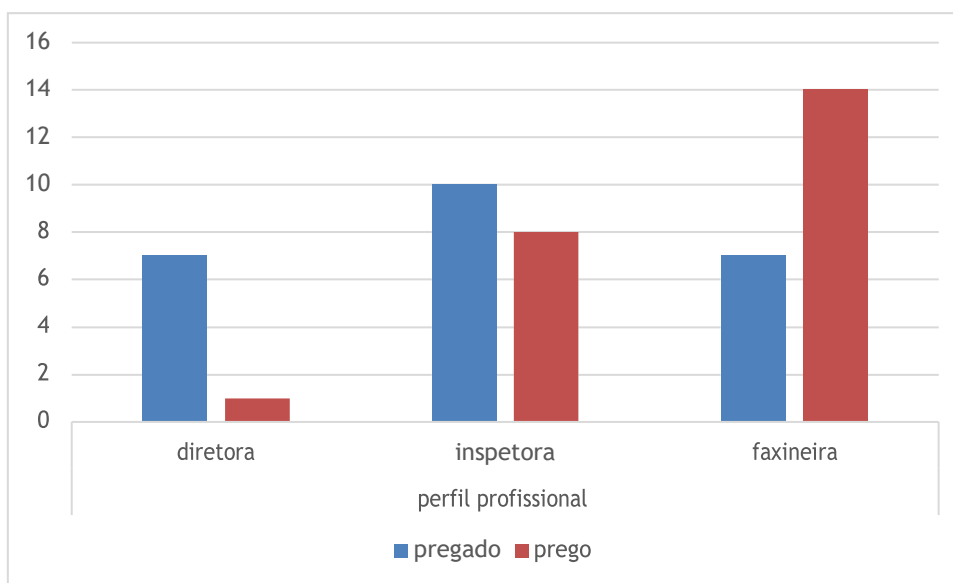
GRÁFICO 11. Resultado experimento de avaliação: verbo TRAZER



Por fim, em relação às formas regular e irregular do verbo *pregar*, houve uma diferença muito acentuada para a avaliação das formas de particípio, com uma grande

concentração de respostas para o perfil menos prestigiado socialmente (*faxineira*) em relação à forma irregular. De fato, além de o particípio deste verbo não ser muito frequente na língua, esse item pode funcionar tanto como forma verbal de 1ª pessoa do singular (eu prego) como nome comum (o prego), o que pode causar estranhamento quanto ao seu uso para forma de particípio passado.

GRÁFICO 12. Resultado experimento de avaliação: verbo PREGAR



SÍNTESE

Nossa hipótese de ampliação da rede de conexões do particípio das formas irregulares dos verbos formados pela velar oclusiva [g], como verbos - *pago* e *pego* - por meio das semelhanças fonética e semântica com os verbos *trago* e *chego*, baseada nos Modelos de Exemplos, foram reforçadas pelos dados obtidos. Dessa forma, os experimentos de produção e avaliação possibilitaram a observação de fatos interessantes sobre a variação entre as formas regulares e irregulares do particípio passado no PB dos verbos trabalhados nesta pesquisa.

Um desses fatos é a robustez da rede das formas irregulares do particípio observada na distribuição das formas regulares e irregulares dos verbos *pagar* e *pegar* que, no caso do verbo pagar, obteve um número maior de formas irregulares – pago (24) e pagado (16) - e , no caso do verbo pegar, houve uma diferença de 3 itens a mais para a forma regular - pego (19) e pegado (22), mas que aponta para uma tendência de crescimento de produção das formas irregulares em sentenças ativas. Outro fato é a produção, por falantes universitários do curso

de Letras, de formas como *trago* e *chego*. Essas formas inovadoras, consideradas inicialmente como de 1ª pessoa do presente do indicativo, apareceram 15 e 5 vezes, respectivamente, a forma - *trago* - está mais avançada no processo de incorporação à rede de conexões dos participios irregulares do que a forma *chego* que, apesar de aparecer em menor número, caminha no mesmo sentido que a forma *trago*.

O experimento de avaliação também nos remete a informações importantes, uma delas recai sobre a distribuição geral pela forma do participio - regular e irregular. Essa distribuição geral apresenta uma uniformidade entre as formas regulares e irregulares, indo de encontro às informações trazidas por (Barbosa, 1993; Silva, 2008; Miara, 2013) que afirmam terem observado uma preferência dos falantes pela forma irregular dos verbos no participio. Dessa forma, como já dito anteriormente, foi necessário fazer uma análise das respostas dos participantes por cada um dos estímulos, atribuindo valores a cada perfil para melhor analisar a direção de cada forma participial.

Essa distribuição por estímulos foi dividida em dois grupos (1) os verbos que não contêm uma oclusiva velar sonora na formação do participio e (2) os verbos que possuem a velar oclusiva na formação. No primeiro grupo, temos como destaque os verbos *gastar* e *salvar*, pois foram os que apresentaram maior diferença entre a avaliação das formas de participio. Enquanto o verbo *salvar* apresentou um prestígio para a forma irregular - *salvo* -, o verbo *gastar* seguiu em sentido contrário, apresentando maior prestígio para a forma regular - *gastado*. No segundo grupo, os verbos que se despontaram foram os verbos *pegar* e *trazer*, organizando-se de maneira quase uniforme entre os três perfis para a forma inovadora irregular (*trago*). Essa uniformidade pode indicar uma mudança de avaliação dessa forma inovadora. No mesmo sentido de mudança, caminha o verbo *chegar*, pois apesar de haver uma mesma tendência de avaliação para as duas formas de participio, houve uma concentração de respostas no perfil intermediário (*inspetora*). Essa concentração pode apontar para uma maior aceitação da forma inovadora, inclusive entre falantes com alto grau de escolaridade.

Podemos inferir que a trajetória de ambas as formas - *trago* e *chego* - caminham para a hipótese lançada nesta pesquisa, sendo possível observar por meio dos dados a atração dessas formas pela rede já existente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou, a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionistas e dos Modelos de Exemplares, a emergência e consolidação de formas inovadoras de particípio. O objetivo era entender como essas formas inovadoras emergiam e por que esse fenômeno só afeta alguns verbos. Diversos autores (Barbosa, 1993; Lobato 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) observaram o uso de formas inovadoras de particípio passado de diferentes perspectivas teóricas. A partir de uma abordagem variacionista, Barbosa (1993) e Miara (2013) argumentaram que parece haver uma preferência por formas irregulares de verbos no particípio, principalmente por falantes de maior nível de escolaridade. Essa preferência, contudo, é explicada pelos referidos autores a partir, tão somente, de uma avaliação positiva ou negativa por parte dos falantes, sem oferecer uma hipótese de como o sistema abstrato dos falantes se organiza, a fim de que essas formas possam emergir. Dessa maneira, sentimos a necessidade de lançarmos mão de um modelo de gramática capaz de oferecer uma hipótese para explicar por que somente alguns verbos são afetados por esse processo e o mecanismo pelo qual essas novas formas se consolidam, ganham robustez e se propagam na comunidade de fala. Como forma de obter os dados necessários, foram elaborados e aplicados um experimento de produção e um de avaliação, pois a coleta em banco de dados, como explicado no capítulo 4, não nos forneceriam itens suficientes para uma análise, já que o objeto de estudo não aparece em grande quantidade em uma entrevista sociolinguística. Assim, o experimento de produção contou com 12 verbos divididos em quatro grupos diferentes. Esses verbos foram utilizados em 17 sentenças, sendo 12 sentenças com os verbos mencionados no capítulo 4 e mais 5 sentenças distratoras, nas quais os participantes deveriam completar com o particípio passado do verbo em negrito na tela as sentenças formadas pelo verbo *ter*. Foi utilizado o programa *Power Point* e as respostas foram gravadas. Cabe salientar que não havia tempo programado para as respostas. O participante só avançava para o próximo slide no momento que completava a sentença.

O experimento de avaliação também utilizou 12 verbos, contudo, foram retirados os verbos que não apresentaram as duas formas, regular e irregular, do particípio. A tarefa a ser cumprida consistia na escolha de um perfil profissional que estaria associado a cada uma das sentenças que continham o estímulo alvo (formas regulares e irregulares de particípio). Antes de o experimento iniciar, era dito ao participante que ele estava em uma escola e ouvia uma mulher falando. Assim, após ouvir duas vezes cada sentença, os participantes deveriam escolher

quem falou a sentença entre uma diretora, uma inspetora e uma faxineira. Foi analisado apenas um grupo social, formado por estudantes universitários de 1º e 2º períodos do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ - para os dois experimentos. Esse grupo foi escolhido por se entender que os falantes já passaram pela educação básica e tiveram acesso, mesmo que em diferentes graus, à tradição gramatical e já haviam sido expostos a formas de prestígio. A hipótese era de que se falantes jovens e escolarizados realizavam formas inovadoras de participio, as quais são rechaçadas pelos manuais de prescrição gramatical, então, essas formas inovadoras já deveriam estar se propagando pela comunidade de fala. Além disso, a depender da avaliação que falantes desse mesmo grupo fazem dessas novas formas de participio, tais formas poderiam se propagar com maior velocidade na comunidade de fala.

Nossa hipótese ancora-se na teoria dos Modelos de Exemplares, segundo a qual não há separação entre léxico e gramática, sendo todas as formas percebidas pelos falantes armazenadas em redes de similaridade fonética e semântica. Além disso, por entenderem que o uso impacta as representações abstratas dos falantes, a frequência desempenha um papel fundamental na organização do conhecimento de linguístico. Assim, é possível que uma rede mais robusta, formada por itens frequentes na língua, consiga atrair outros itens que compartilhem características sonoras e/ou semânticas, levando, assim, à emergência de formas inovadoras para determinados contextos. Nesse sentido, partimos da hipótese de que formas verbais já existentes na língua *trago* e *chego*, formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, foram atraídas por sua semelhança fonética e semântica à rede dos participios formadas pelos verbos que possuem a consoante oclusiva velar como os verbos *pegar* e *pagar*. Os resultados do experimento de produção permitiram observar que as formas inovadoras *trago* e *chego* são produzidas por falantes universitários que passaram por um período de escolarização, pressupondo a exposição desses participantes às formas canônicas do participio - *trazido* e *chegado*, que por algum motivo não estão centralizadas em suas redes de conexões. Dessa forma, é possível depreender que há um esboço de propagação dessas formas inovadoras entre estudantes universitários e, como resultado, dentro da visão dos Modelos de Exemplares, a ampliação da rede de conexões.

Os resultados do experimento de avaliação permitiram observar que, diferentemente das afirmações dos trabalhos resenhados no capítulo 3, não há uma preferência pelas formas irregulares do participio, mas sim uma uniformidade na distribuição dos três grupos sociais, havendo uma maior concentração nos perfis extremos (diretora e faxineira) e uma uniformização no perfil intermediário, em uma análise total dos estímulos. Os dados também

permitiram observar um processo em andamento de atração das formas *trago* e *chego* para a rede de conexões formada por *pago* e *pego*, pois como já foi demonstrado, *trago* e *chego* têm sido utilizados por falantes universitários, tendo maior número de avaliações no grupo intermediário da inspetora. Já a análise por estímulos apresentou algumas direcionalidades diferentes para algumas formas participiais, contudo, as formas *trago* e *chego* apresentaram resultados que demonstraram um caminho de aceitabilidade pelo falante dessas formas inovadoras.

Nesse sentido, os resultados desta pesquisa de mestrado contribuíram para a observação de que a variação das formas abundantes do particípio dos verbos *chegar* e *trazer* pode estar ligada às semelhanças fonéticas e semânticas de algumas formas lexicais como a dos verbos *pago* e *pego* que se assemelham fonética e semanticamente as formas *trago* e *chego* do que a preferência, isto é, a avaliação positiva dos falantes pela forma irregular descritas por alguns autores como Barbosa (1993) e Miara (2013). Acreditamos que a experiência do ouvir e falar interfere no conhecimento linguístico, entretanto, a centralização dos itens lexicais não se sustenta apenas no conhecimento empírico do falante. É necessário mais que uma preferência para explicar a atualização de um item em detrimento a outro, com isso percebemos que pode estar havendo uma ampliação da rede de conexões dos verbos no particípio formados pelas consoantes oclusivas velares como *pego* e *pago* por meio da atração fonética e semântica das formas 1ª pessoa do singular do presente do indicativo - *chego* e *trago* -, conseqüentemente ampliando o uso por parte dos falantes.

Entendemos a necessidade de ampliação e aprimoramento dos experimentos para obtenção de um corpus maior que possibilite mais informações. Diante disso, vemos a possibilidade futura de aplicar os experimentos, tanto de produção como o de avaliação, a outros grupos de diferentes escolaridades, classes sociais e faixas etárias. A aplicação somente a outras faixas etárias possibilitaria observarmos se há um processo de mudança em andamento. Também vemos a necessidade de incorporarmos novos verbos, pois em conversas informais, a forma regular do verbo *ficar* - *fico* – já foi ouvida por essa pesquisadora, iniciando uma suspeita de ampliação também da rede velar surda que só poderá ser revelada com dados que a revele.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Afranio Gonçalves. Particípios duplos na fala carioca: variação e distribuição lexical. Dissertação de Mestrado. Pós- graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001 [1999], p. 222-232.

BYBEE, Joan. Língua, Uso e Cognição. Maria Angélica Furtado da Cunha (tradução) e Sebastião Carlos Leite Gonçalves (revisão técnica). São Paulo: Cortez, 2016.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística – uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1976, p. 159-169.

CRISTÓFARO SILVA Thaís; GOMES, Christina Abreu. “Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares”. , p.13-35, 2017.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 3. ed. rev. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 2001. XXV, p. 441-443.

DIAS, Augusto Epiphany da Silva. Syntaxe historica portuguesa. 3ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953, p. 240-250.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. Rio de Janeiro: Parábola, 2008 [1972], p. 215-373.

LOBATO, Lucia. Sobre a forma do particípio do português e o estatuto dos traços formais. DELTA, São Paulo, v. 15, n.1, Feb. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MELO, Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo; SILVA, Ísis Garcia Bastos. [avali'ãdo] ou [avali'ãno]: o significado social da alternância [d] ~ [n] entre jovens universitários cariocas. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 16, n. 34, p. 185-204, 2022 | e-ISSN 1982-291X | ISSN 2317-3475, 2022.

MIARA, Fernanda Lima Jardim. Participios duplos: usos, desusos e alguns “intrusos”. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pósgraduação em Linguística. Florianópolis, SC, 2013. 239 p. Disponível em: . Acesso:10 out. 2023.

MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

OUSHIRO, Livia. Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, São Paulo, 2015.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Mudança lingüística em tempo real*. FAPERJ, 2003.

PEREIRA, Eduardo Carlos. Gramática expositiva: curso superior. Livros Didáticos Biblioteca Pedagógica Brasileira. Vol. 5. 68a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946 [1926], 120-165.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa. 44a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005 [1972], p. 168-171.

SAID ALI, M. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964 [1931]. p. 146-154.

SILVA, Inaciane Teixeira da. O uso do participio em formações verbais no português do sul do Brasil. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

VOTRE, Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2010, p. 51-57.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.